

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

PEDAGOGIA BILÍNGUE

EWELLY GLENNYA TAVARES SILVA

AS CONTRIBUIÇÕES DO FEMINISMO NEGRO PARA A EDUCAÇÃO

APARECIDA DE GOIÂNIA

2023



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor:

Matrícula:

Título do Trabalho:

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

() O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.

() Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecido de G. 03/02/24.

Local

Data

Ervelly Glenya Covares Silva

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

EWELLY GLENNYA TAVARES SILVA

AS CONTRIBUIÇÕES DO FEMINISMO NEGRO PARA A EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia Bilíngue.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Keith Daiani da Silva Braga

APARECIDA DE GOIÂNIA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586 Silva, Ewelly Glennya Tavares
As contribuições do feminismo negro para educação. / Ewelly Glennya
Tavares Silva. - Aparecida de Goiânia, 2023.
56 f. il.

Orientadora: Dra Keith Daiani da Silva Braga
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de
Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia,
Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, 2023.

1. Escola. 2. Educação. 3. Feminismo negro. 4. Negros. 5. Mulheres.
I. Título.

CDD 305.8

Catalogação na publicação:
Suzane Gonçalves Duarte Peixoto – CRB 1/2746



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

TERMO DE APROVAÇÃO

EWELLY GLENNYA TAVARES SILVA

AS CONTRIBUIÇÕES DO FEMINISMO NEGRO PARA A EDUCAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Aparecida de Goiânia como requisito parcial para a obtenção do título de **Licenciada em Pedagogia Bilíngue** e desenvolvido na linha de pesquisa **Educação, cultura e sociedade** sob orientação da **Profa.Dra. Keith Daiani da Silva Braga**.

Aprovado em 06 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Profa.Dra. Keith Daiani da Silva Braga

(Presidenta- orientadora)

(assinado eletronicamente)

Profa.Ma.Ruskaia Fernandes Mendonça

(Membra Interna)

(assinado eletronicamente)

Profa.Dra. Jaqueline Pereira de Oliveira Vilasboas

(Membra Externa)

Documento assinado eletronicamente por:

- **Ruskaia Fernandes Mendonca**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 30/01/2024 09:04:56.
- **Jaqueline Pereira de Oliveira Vilasboas**, Jaqueline Pereira de Oliveira Vilasboas - Visitante - Ufg (01567601000143), em 29/01/2024 15:02:58.
- **Keith Daiani da Silva Braga**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 29/01/2024 14:19:12.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 29/01/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 501946

Código de Autenticação: b3570df085



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Avenida Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, None, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO, CEP 74968-755
(62) 3507-5959 (ramal: 5959)

À Francivania, mãe, minha base, fonte de amor e segurança.

À Maria Francinete, avó, batalhadora e grande motivadora.

Ao meu irmão, Ewerson, que colaborou para a minha paixão na educação.

À Dandara, minha querida sobrinha, que me motiva mesmo sem direcionar nenhuma palavra sequer; sei que será uma mulher forte.

Agradecimentos

Para mim, o ato de agradecer é o ato de se lembrar de tantas coisas boas que me proporcionaram chegar até o fim da graduação. Não posso me esquecer de tantas porções de bem que tenho recebido de pessoas tão importantes, desta forma:

Agradeço aos meus pais que me estimularam desde pequena aos estudos, à minha mãe que por várias razões não pode seguir seu sonho de ser professora, mas que tentou garantir as possibilidades para que eu alcançasse aquilo que me era almejado. Ao meu pai, que ao saber da minha matrícula na faculdade, me disse: “Não desista, pois sem estudo a vida é mais difícil”, posso dizer que ele é um grande motivador.

Agradeço aos meus irmãos que são meus grandes parceiros de vida, que me ensinaram a ser determinada e inconscientemente colaboraram para que eu me tornasse uma mulher forte.

Agradeço ao meu querido esposo, meu companheiro nos momentos bons e ruins, que me motiva, colabora, apoia para que eu possa concluir esta etapa. A vida tem sido melhor ao seu lado!

Agradeço ao Instituto Federal de Goiás, Campus Aparecida de Goiânia, por me oferecer uma formação de pública e de qualidade. Sou grata ao IFG por possibilitar um espaço democrático para mim e tantas pessoas periféricas, sou grata por ter este espaço para discutir sobre a educação, as questões de gênero, os direitos das mulheres e como poderemos oferecer um futuro melhor para a sociedade.

Agradeço a minha querida orientadora, Profa. Dra. Keith Braga, professora admirável, competente, capacitada, organizada, forte e que tem uma didática inspiradora. Seus debates e lutas me trouxeram grandes contribuições e ensinamentos individuais e sociais. Obrigada pelo apoio, pelos ensinamentos, pela motivação e pelas orientações que fizeram parte da escrita desta monografia.

Agradeço a Profa. Ma. Rускаia Fernandes, membro da banca, pelas leituras e as contribuições nesta pesquisa. Agradeço-a também pelos puxões de orelha na turma “leiam mais”, pelos debates envolvendo as questões de gênero, pelas aulas que abordaram a educação, todas essas discussões enriqueceram na construção desta monografia.

Agradeço a Profa. Dra. Jaqueline, membro da banca, pela leitura e suas contribuições. Sinto-me privilegiada em tê-la como parte da banca. Para mim, foi uma

perda não ter tido aulas com a senhora, mas saiba que sua reputação perpassa pelos corredores do IFG.

Agradeço a todos os meus professores e professoras do Instituto Federal de Goiás-Campus Aparecida de Goiânia. Cada professor (a) trouxe grandes contribuições para a minha formação.

Agradeço também às minhas colegas de curso, Priscilla e Tatielly, pela parceria durante esse processo, pela amizade, pelas forças, motivação, pelos momentos de apoio e de alegria. Todo esse processo foi mais feliz ao lado de vocês. “Mais que amigas, friends”.

Sempre fiquei quieta, agora vou falar
Se você tem boca, aprende a usar
Sei do meu valor e a cotação é dólar (...)

(...) Quero saber só do que me faz bem
Papo furado não me entretém
Não me limite que eu quero ir além
Iza (2018)- Dona de mim.

RESUMO

Esta monografia tem como tema “As contribuições do feminismo negro na educação”, a linha de pesquisa: Educação, cultura e sociedade. Esta pesquisa tem por objetivo entender o que é o feminismo e seus marcos, compreender o que é feminismo negro, suas principais autoras conceitos e temas e identificar as principais contribuições do pensamento feminista negro para a educação. A metodologia utilizada foi teórica-bibliográfica, e utilizamos como referenciais teóricos principais: Audre Lorde, Patricia Hill Collins e bell hooks. A pesquisa abordou o conceito de feminismo negro, realizando críticas ao feminismo hegemônico, que somente beneficia mulheres brancas e das classes sociais mais altas. Audre Lorde foi contribuinte desta pesquisa ao refletir sobre a hierarquia de opressão, já a autora Patricia Hill Collins quando abordou sobre a interseccionalidade, a importância da educação pública, crítica e democrática. Já bell hooks trouxe ricas reflexões para esta monografia acerca da importância de compreendermos que o feminismo negro é um movimento que pensa nas mais diversas pessoas, não apenas em um grupo seleto de mulheres. Além disso ela trouxe grandes contribuições sobre como a educação pode colaborar para o processo de libertação das nossas crianças negras. Como resultados dessa discussão, percebemos como o feminismo negro opera numa perspectiva contra hegemônica, trazendo novos debates para a sociedade e apontando novas demandas para a escola comprometido com um mundo menos racista e menos machista.

Palavras-chave: Escola, Educação, Feminismo negro, Negros, Mulheres.

ABSTRACT

This monograph has the theme “The contributions of black feminism in education”, the line of research: Education, culture and society. This research aims to understand what feminism is and its milestones, understand what black feminism is, its main authors, concepts and themes and identify the main contributions of black feminist thought to education. The methodology used was theoretical-bibliographic, and we used as main theoretical references: Audre Lorde, Patricia Hill Collins and bell hooks. The research addressed the concept of black feminism, criticizing hegemonic feminism, which only benefits white women and women from the highest social classes. Audre Lorde was responsible for this research when reflecting on the position of oppression, while author Patricia Hill Collins addressed intersectionality and the importance of public, critical and democratic education. Bell hooks brought rich reflections to this monograph about the importance of understanding that black feminism is a movement that thinks about the most diverse people, not just a select group of women. Furthermore, she brought great contributions to how education can contribute to the liberation process of our black children. As a result of this discussion, we realized how black feminism operates from a counter-hegemonic perspective, bringing new debates to society and pointing out new demands for a school committed to a less racist and less sexist world.

Keywords: School, Education, Black feminism, Black people, Women.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: FEMINISMO - CONCEPÇÕES E MARCOS HISTÓRICOS	13
1.1 Primeira onda feminista	16
1.2 Segunda onda feminista	18
1.3 Terceira onda feminista	21
CAPÍTULO 2: CONTRIBUIÇÕES DO FEMINISMO NEGRO PARA A EDUCAÇÃO - O QUE LORDE, COLLINS E HOOKS, TÊM A NOS ENSINAR?	27
2.1. Audre Lorde.....	30
2.2. Patrícia Hill Collins	34
2.3. bell hooks	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	53

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto de vivências e teorizações. Enquanto mulher negra sentia a necessidade de compreender o que era esse polêmico movimento feminista. Durante meus estudos percebi que muitas das minhas vivências não eram particulares, pude observar que muitas outras mulheres também eram minimizadas e desvalorizadas perante a sociedade.

Quando criança me via como pessoa de menos direitos em comparação a dois irmãos mais velhos, observava que em alguns momentos eles podiam brincar na rua, sair à noite com os amigos e no geral, tinham mais liberdade. Apesar de questionar e me comparar com meus irmãos, eu tinha que ouvir de muitos familiares a frase “Ah, mas você é menina”, isso não me desmotivou, pois eu realizava esforços para fazer aquilo que almejava.

Durante os anos escolares, observei que não fazia parte do “modelo” de meninas. Dificilmente havia pessoas como eu nas revistas, filmes e novelas (que não fossem domésticas) por esta razão, minha autoestima era baixa. Uma menina negra, de cabelo cacheado, magra e que sempre estava entre as meninas mais “feias” da sala. Mesmo sem a percepção de que tudo isso era algo socialmente construído, eu tentava me comparar ou me encaixar entre as colegas, por mais que eu me esforçasse para me encaixar nos padrões de beleza, eu não me encaixava. Tentei diminuir o volume dos cabelos, passar maquiagem em excesso e tomar remédio para engordar, para me encaixar entre as colegas. Tudo em vão, eu de fato não me encaixava.

Conforme me tornei adulta, e estudante de pedagogia bilíngue continuei passando por situações machistas e racistas, percebi que estes comportamentos eram problemas sociais que atravessavam as minhas vivências, não eram questões específicas do meu mundo. Enquanto futura professora, percebo que a melhor forma de ser resistência é fazer da educação um veículo para se debater e refletir sobre essas questões. Sendo assim, meu trabalho não tem aspectos de neutralidade, tendo a proposta explicitamente política e social.

Diante do que foi enunciado o problema da nossa pesquisa é pensar quais são as contribuições do feminismo negro para a educação? Mediante o referido problema o objetivo geral desta pesquisa consiste em refletir sobre as possíveis contribuições do feminismo negro para a área da Educação.

Como forma de alcançarmos uma compreensão acerca desta problemática, intencionamos: entender o que é o feminismo e seus marcos, compreender o que é

feminismo negro, suas principais autoras conceitos e temas e identificar as principais contribuições do pensamento feminista para a educação.

Este estudo traz abordagem metodológica bibliográfica, qualitativa e teórica. O trabalho será baseado em análises críticas e reflexivas sobre o feminismo negro e a relação que a sociedade desenvolve com este movimento social e político. Inicialmente no primeiro capítulo vou apresentar o que é o movimento feminista, seus marcos, as ondas que perpassam pelo momento histórico e a importância deste movimento para a sociedade.

No segundo capítulo iremos aprofundar na teoria do feminismo negro, abordando de forma analítica os conceitos e temas discutidos pelas pioneiras autoras negras. Vamos aprofundar na trajetória de três militantes e estudiosas negras, são elas: Audre Lorde, Patrícia Hill Collins e bell hooks, que vão discutir a identidade, a interseccionalidade, gêneros, raças, hierarquia de opressões, amar suas características, educação crítica, libertadora e democrática.

Podemos constatar que este trabalho tem uma grande dimensão social e acadêmica. Esta pesquisa defenderá a importância de abordar esse tema, as questões raciais e de gênero, nas instituições de ensino básico e superior, com objetivo de enfrentar as desigualdades.

Destaco que este trabalho também trará conscientização na dimensão acadêmica por não haver muitas pesquisas e discussões que abordam especificamente o feminismo negro na área da Educação. Segundo Pedro Demo (2001) a pesquisa tem como objetivo apresentar situações e buscar soluções para o enfrentamento de problemas sociais. Conforme foi relatado, esta é uma pesquisa que vai relacionar o movimento feminista as questões sociais, interligando com a necessidade desta discussão na escola.

CAPÍTULO 1: FEMINISMO - CONCEPÇÕES E MARCOS HISTÓRICOS

O objetivo deste primeiro capítulo do Trabalho de Conclusão de Curso “As contribuições do Feminismo negro para a Educação” é apresentar o que é feminismo

e alguns marcos históricos desse movimento social em três ondas.

Nos dias atuais é comum observar mulheres falarem que são “feministas”, mas o que será que isso significa? O que é esse feminismo? O que ele defende e propõe para a sociedade? De acordo com Lins, Machado e Escoura (2016) o feminismo é um movimento social e político, que defende assuntos ligados às mulheres, abordando sobre a igualdade de direitos e oportunidades para todas as pessoas. Já a autora Sueli Carneiro (2011) argumenta que a união e a luta das mulheres buscam superar opressões e desigualdades históricas sofridas. De todo modo:

É importante ressaltar que não existe apenas um enfoque feminista: há diversidade quanto às posições ideológicas, abordagens e perspectivas adotadas, assim como há grupos diversos, com posturas e ações diferentes (Ribeiro, 2018, p.30).

Segundo Josette Trat (2009) O movimento feminista é caracterizado como movimento social por se tratar de uma realidade social e política, muitas mulheres juntaram-se para lutar por objetivos parcialmente parecidos. Por mais que haviam divergências entre o pensamento e a realidade de cada mulher, ainda assim, buscavam direitos e visibilidade dentro da sociedade.

As mulheres se mobilizaram ora em nome da igualdade, ora em nome de suas diferenças, sempre contra as “injustiças” de que eram vítimas, reclamando ao mesmo tempo o direito ao trabalho, à educação, ao voto e também à “maternidade livre” desde o começo do século XX. Elas sempre reivindicaram sua identidade como seres humanos e sua liberdade. (Trat, 2009, p. 152).

Para a pensadora Djamila Ribeiro (2018) em um mesmo movimento social, há diferentes pensamentos, essas diferenças são predominantes pelas vivências individuais, conceitos, perspectivas e até mesmo a cultura que elas estão inseridas.

As diversas linhas de pensamento sobre o movimento, buscam um objetivo comum: “lutar pelo reconhecimento de direitos e oportunidades para as mulheres e, com isso, pela igualdade de todos os seres humanos” (Garcia, 2011, p.12). O feminismo de modo geral, tem como propósito mudar uma sociedade que manteve e mantém o homem (branco) no domínio, como analisa a autora Djamila Ribeiro:

É promover uma mudança numa sociedade dominada pelos homens e fornecer outras possibilidades de existência e comunidade. É enfrentar a naturalização das relações de poder desiguais entre gêneros e lutar por um olhar que vise a igualdade e o confronto com os privilégios que essas relações destinam aos homens. É a busca pelo direito à autonomia por suas escolhas, por seu corpo, por sua sexualidade (Ribeiro, 2018, p. 91).

Além disso, o movimento feminista também apresenta diferentes maneiras de reflexões, cada corrente apresenta suas próprias características:

(...) não existe apenas um tipo de feminismo, mas vários, pois são muitas as correntes de pensamento que o compõem, isto porque uma das características que diferencia o feminismo de outras correntes de pensamento político é que está constituído pelo fazer e pensar de milhares de mulheres pelo mundo todo (Garcia, 2011, p. 13).

O feminismo, vivido em diferentes partes do globo, parte de uma perspectiva que considera as mulheres, que não as vê como inferiores na sociedade, sendo assim, ele busca oportunizar possibilidades para que as mulheres não vivam: a dominação, proibições e desestímulos para os estudos, a dependência financeira, os casamentos arranjados e a exploração sexual. Esses, são exemplos de pautas pelas quais o movimento feminista busca abordar para conscientizar a todos e todas sobre a importância do desenvolvimento pleno das mulheres.

É relevante ressaltar que em diferentes lugares do mundo, em diferentes momentos históricos, as mulheres lutaram pelos seus direitos, muito antes de surgir o termo “feminismo” e de se organizarem como movimento social:

O termo feminismo foi primeiro empregado nos Estados Unidos por volta de 1911, quando escritores, homens e mulheres, começaram a usá-lo no lugar das expressões utilizadas no século XIX tais como movimento das mulheres e problemas das mulheres, para descrever um novo movimento na longa história das lutas pelos direitos e liberdades das mulheres (Garcia, 2011, p. 13).

O feminismo segundo Garcia (2011) pode ser determinado baseado na conscientização das mulheres em relação ao patriarcado e as opressões sofridas no cotidiano, por este motivo o feminismo é um movimento social e político. Infelizmente, é possível observar que muitas pessoas acreditam que o feminismo se trata de mulheres sendo anti-homens:

Uma multidão pensa que o feminismo é sempre e apenas uma questão de mulheres em busca de serem iguais aos homens. A incompreensão dessas pessoas sobre políticas feministas reflete a realidade de que a maioria aprende sobre feminismo na mídia de massa patriarcal (hooks, 2018, p. 17).¹

¹ O nome da autora bell hooks é citado com as letras minúsculas por uma preferência da autora. <https://radiojornal.ne10.uol.com.br/noticia/2021/12/14921851-por-que-bell-hooks-e-escrito-em-minusculo-escritora-morreu-nesta-quarta-feira.html>

A feminista bell hooks (2018) nos ajuda a entender a importância das crianças e adolescentes aprenderem sobre os movimentos sociais dentro das instituições de ensino. É na escola que aprendemos coisas específicas com fundamentos e embasamentos científicos. Esta, poderia ser uma boa forma de combater a falsa imagem que a mídia aborda sobre o feminismo. Como as pessoas aprendem sobre o feminismo se não nas escolas? Nas mídias? Nas redes sociais? Baseadas no que passam nas televisões? A falta de informação coloca a sociedade na posição de ignorantes. Uma boa forma de combater essa falta de conhecimento, seria oferecer aos alunos e alunas os fundamentos da teoria feminista, a história, as lutas e quais benefícios este movimento social busca.

1.1 Primeira onda feminista

Antes de abordar a primeira onda do movimento, vamos entender a história de mulheres que foram pioneiras, mas que, em seu tempo, não conseguiram promover a mudança social que buscavam. Isso é relevante para entender quem foram as mulheres que contribuíram para que a primeira onda, primeira organização feminista, existisse.

Pouco antes da Revolução Francesa, no século XVIII, Olympe de Gouges, uma mulher nascida em 1748 nascida em Paris, foi uma das primeiras pioneiras, se destacou ao escrever uma carta em uma sociedade muito machista. A carta foi a declaração dos direitos das mulheres e dos cidadãos. A carta foi dedicada à rainha Maria Antonieta com objetivo de conscientizá-la do importante papel que a mulher poderia ter na sociedade, no texto ela afirmava que a:

A mulher nascia livre e igual ao homem e possuía os mesmos direitos inalienáveis: a liberdade, a propriedade e o direito à resistência à opressão. As mulheres deveriam participar na formação das leis tanto direta quanto indiretamente por meio da eleição de representantes (Garcia, 2011, p.43).

Ao manifestar suas falas, lutando pelo voto, direito à propriedade e denunciar execuções ocorridas, Gouges foi guilhotinada por determinação dos líderes da Revolução.

Uma outra pioneira que se destacou antes do feminismo existir, enquanto movimento social, foi Mary Wollstonecraft. Nascida em Londres no ano de 1759, ela escreveu um livro que exigia o direito das mulheres à educação. No ano de 1790,

Mary publicou uma de suas obras mais conhecidas “A reivindicação dos direitos das mulheres”, no livro a autora reivindica pelos direitos iguais e participação feminina na política:

A autora via a educação como um caminho para as mulheres conquistarem um melhor “status” econômico, político e social. Defendia não apenas que elas tinham direito à educação como afirmava que da igualdade na formação de ambos os sexos dependia o progresso da sociedade como um todo (Garcia, 2011, p.45).

Mesmo com este importante documento produzido, Mary Wollstonecraft não viveu para ver as mudanças significativas para as mulheres europeias acontecer.

O feminismo se destaca por ter três ondas, são três momentos históricos que marcam este movimento social. A primeira onda ganhou força no século XIX, foi um movimento promovido por mulheres brancas de classe média e alta, concentradas principalmente na Europa e Estados Unidos. Essas mulheres tinham como propósito lutar pelos direitos iguais entre homens e mulheres:

À luta empreendida por mulheres entre o final do século XIX e o início do XX chamamos de primeira onda feminista, cujas principais reivindicações eram o direito ao voto, à propriedade (em muitos países, as mulheres não podiam ser donas de bens e propriedades), à educação e ao fim do casamento arranjado. Tal momento também ficou conhecido como sufragismo, e suas militantes como sufragistas (Lins, Machado e Escoura, 2016, p. 24).

As primeiras reuniões sufragistas abordaram duas pautas, eram elas: a luta pelo direito ao voto das mulheres e a possibilidade de mulheres trabalharem com os mesmos direitos dos homens e sem restrições. Com o tempo foram surgindo novas reivindicações, como: Direito à educação plena (algo que na época era proibido) direito a assumir as propriedades e a escolha de seus próprios maridos, visto que os casamentos eram negócios entre as famílias. Dessa maneira elas buscavam a liberdade de escolhas e os direitos de seus corpos e sentimentos.

A Federação Brasileira para o Progresso Feminino foi um movimento fundado em busca dos direitos políticos e civis das mulheres. Este movimento foi criado no ano de 1922 pela cientista Bertha Lutz:

No Brasil, Bertha Lutz (1894-1976) foi a principal figura do sufragismo do país. Além de importante cientista, Bertha foi uma das precursoras da luta pelos direitos das mulheres brasileiras. Depois de tomar contato com os movimentos feministas da Europa e dos Estados

Unidos, ela fundou, em 1922, a Federação Brasileira para o Progresso Feminino” (Lins, Machado, Escoura, 2016, p. 23).

De acordo com Ribeiro (2018) a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, tinha como objetivo lutar pelos direitos das sufragistas ao voto e ao trabalho sem a autorização do esposo. É necessário destacar que nos de 1920, mulheres casadas precisavam ter autorização dos esposos para sair de casa e trabalhar, de maneira a destacar que elas precisavam estar sempre acompanhadas. “Ainda que o movimento tenha ficado conhecido pela ênfase que dava ao direito ao voto, as sufragistas lutavam pela igualdade em todos os terrenos apelando à autêntica universalização dos valores democráticos e liberais” (Garcia, 2011, p. 58).

De modo geral, a Primeira onda do Feminismo se preocupou com questões políticas, focando nas leis que exploravam e oprimiam mulheres em todo o mundo. Ela foi fundamental para o processo de cidadania das mulheres, igualdade perante a lei e a iniciação da libertação feminina.

Segundo Fougeyrollas-Schwebel (2009) o movimento feminista é considerado como luta coletiva e ganhou força somente na segunda metade do século XX. A luta se iniciou pela identificação das opressões sofridas pelas mulheres. Conforme já dito no começo do capítulo, para alcançar todas essas mobilizações, algumas mulheres lutam desde a Revolução Francesa. As mulheres lutavam contra as desigualdades e injustiças que sofriam, buscando os direitos aos trabalhos e educação. “Elas sempre reivindicaram sua identidade como seres humanos e sua liberdade” (Fougeyrollas-Schwebel, 2009, p. 152).

1.2 Segunda onda feminista

A segunda onda do movimento feminista inicia nos anos de 1960, esta tinha como objetivo lutar pela liberdade feminina. Segundo Lins, Machado e Escoura (2016) alguns conflitos tinham sido superados durante a primeira onda do feminismo, então a segunda onda do feminismo ainda buscava ampliar a garantia de alguns direitos, melhores condições de vida e trabalho. Porém, mesmo com todos os debates, a sociedade voltou a resistir as lutas das mulheres, argumentando limitações, associando-as aos afazeres domésticos e familiares, menosprezando o aborto e as violências contra as mulheres.

A segunda onda teve início nos anos 1970, num momento de crise da democracia. Além de lutar pela valorização do trabalho da mulher, pelo direito ao prazer e contra a violência sexual, essa segunda geração combateu a ditadura militar. (Ribeiro, 2018, p 29).

Ativistas da segunda onda do movimento feminista, além de lutar pelos seus direitos pessoais também se comprometeram a apoiar outras demandas da sociedade;

No Brasil, entre os anos 1960 e 1980, as militantes feministas também atuaram como opositoras da ditadura militar, lutando não só pela diminuição de desigualdades entre homens e mulheres como também pela redemocratização do país. (Lins, Machado e Escoura, 2016, p.25).

De acordo com as citações, podemos observar que teoricamente a segunda onda buscava intensificar a luta iniciada nos anos de 1920, com objetivo de lutar pela liberdade da mulher de modo geral, além disso as ativistas buscavam lutar pela democracia.

Algumas lutas relacionadas à primeira onda foram perdendo a força e sendo taxadas como erradas pela sociedade, começaram a discutir a importância da realização do trabalho doméstico feminino na tentativa de impossibilitar o trabalho externo das mulheres brancas. A luta das mulheres por direitos trabalhistas, pelo direito de escolha e de seus próprios corpos e contra a violência doméstica foram marcos da segunda onda do movimento feminista. Além disso, buscavam garantir melhores condições de vida para as mulheres.

O número de mulheres negras trabalhadoras era superior ao das mulheres brancas, por este motivo mulheres negras começaram a criticar a primeira onda do feminismo, com objetivo de lutar pelos seus direitos. É importante destacar que a primeira onda feminista foi um movimento focado nas mulheres brancas de classe média, e enquanto elas buscavam os direitos de trabalhar, as mulheres negras continuavam trabalhando, sem qualquer direito trabalhista justo ou perspectiva de melhoria. “Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas” (Carneiro, 2011, p.1).

Uma autora e filósofica que se destacou bastante na segunda metade do século XX foi Simone de Beauvoir, nascida na França no ano de 1908. Simone de Beauvoir foi uma grande escritora que deu origem ao livro “O Segundo Sexo”, esse livro é conhecido por relatar como é a situação das mulheres em uma sociedade dominada

por homens. Beauvoir defende, que não se nasce mulher, ser mulher é algo construído ou imposto pela sociedade. Além disso, o livro também começa a realizar discussões em relação às questões de gênero, mesmo sem utilizar na época essa palavra.

O conceito de gênero iniciou por meio de estudos acadêmicos que buscavam compreender as razões pelas quais existem desigualdade entre homens e mulheres:

(...) Se o comportamento de gênero varia de acordo com a sociedade e a cultura, não se pode afirmar que as diferenças entre homens e mulheres sejam exclusivamente resultado do aparato biológico humano; isto é a cultura, e não a natureza, que explica as diferenças entre masculino e feminino. (Lins, Machado, Escoura, 2016, p.19)

Podemos compreender que o conceito de gênero está ligado às características políticas e culturais da sociedade, basicamente regras e normas impostas a quem pertence a um sexo ou ao outro. Em outras palavras, são regras, atitudes e direitos criados de acordo com o sexo. Os estudos de gênero só foram possíveis graças ao feminismo, e ambos (tanto o movimento feminista quanto as pesquisas de gênero) se encaixam, por não levarem em consideração as questões biológicas, que por muito tempo foram usadas para justificar a situação de vulnerabilidade opressão da mulher em sociedade.

(...) O conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (Meyer, 2018, p. 18).

Os estudos de gênero estão diretamente ligados às práticas sociais “esperadas” pela sociedade, considerando as vivências, tempo e as diversidades culturais em que estamos inseridos. É necessário destacar que ser mulher nos anos 2000 é diferente de ser mulher nos anos de 1800. Da mesma maneira que ser mulher no Brasil é diferente de ser mulher em outro país. Comprovando que a relação de gênero é uma invenção cultural.

O conceito de gênero aponta os papéis femininos diante a sociedade, as normas, direitos e leis. Deste modo, quando discutimos as questões de gênero é importante destacar as discriminações que as mulheres sofrem em relação a raça, sexualidade, classe social, aparência física entre outras. Refletir sobre gênero colabora na formação de uma sociedade mais justa e igualitária, para homens e mulheres não “suprirem” as vontades sociais.

As sociedades patriarcais têm como gêneros superiores os homens. A pesquisadora bell hooks (2018) chega à conclusão de que o grupo que se promove com o patriarcado são os homens, nesse caso, os homens se tornam “melhores” que as mulheres e tem como dever controlá-las. A teoria de gêneros implica nas questões políticas, sociais e culturais, por este motivo, podemos dizer que existem desigualdades entre homens e mulheres.

Homens acima, mulheres abaixo, esta é a desigualdade de gênero que conhecemos. Homens sendo mais bem pagos em seus cargos, sendo defendidos mesmo quando estão errados, sendo encorajados a serem violentos desde a infância. A desigualdade de gênero se amplia muito mais quando interseccionada com a desigualdade racial, mulheres negras têm ainda menos direitos, menos visibilidade e salários menores.

Pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, porque são indissociáveis. (Ribeiro, 2018, p. 82).

A desigualdade de gênero e racial foi pensada pelas mulheres negras durante a segunda onda do feminismo. Segundo Djamila (2018) a sociedade brasileira é historicamente racista e machista, mulheres negras sofrem constantemente com a sexualização de seus corpos, resultado da colonização brasileira. A partir dos anos de 1990 iniciou então as discussões que relaciona o movimento feminista de gênero e raça.

Durante a segunda onda feminista iniciou-se também o debate de classe social e as discussões entre o patriarcado. As feministas da segunda onda buscavam acabar com o patriarcado enquanto lutavam e debatiam sobre as classes sociais, levando em consideração o direito das mulheres.

1.3 Terceira onda feminista

Nos anos de 1990 deu início a terceira onda do movimento feminista, movimento a qual buscava a visibilidade de diferentes mulheres, principalmente as mulheres negras e possibilitar direitos garantidos e oferecidos somente as mulheres brancas. Segundo Lins, Machado e Escoura (2016) na terceira onda do movimento feminista os temas centrais das lutas se aprofundaram nas questões de gênero, e não

somente nas mulheres. A questão de gênero passa a ser analisada junto com outras desigualdades, sendo elas: classe social, raça e sexualidade.

A luta então continuou considerando e valorizando as diferenças entre as mulheres e suas diversidades. Essa mudança no feminismo na terceira onda veio para tornar mais justo e plural o movimento que anos atrás não acolhia as mulheres negras. Contudo, é importante lembrar que nos EUA: “Em 1895, por exemplo, foi criado um movimento associativo, após as mulheres negras terem sido rechaçadas racialmente pelo movimento homogêneo branco, restrito aos direitos e às preocupações das mulheres brancas de classe média” (Morais, 2017).

O movimento feminista negro contemporâneo foca nas relações de gênero e no racismo que mulheres negras sofrem diariamente na sociedade. Inicialmente, a primeira onda de feminismo não incluía os direitos das mulheres negras, elas continuavam sendo funcionárias das pessoas brancas de classe média e alta, não eram consideradas pessoas dignas de visibilidade e de direitos.

Segundo Moraes (2017) o movimento feminista negro do nosso país começou a se organizar nos anos de 1970, iniciou-se com reivindicações de ativistas negras. Elas lutavam contra a homogeneidade feminista da primeira onda que excluía de suas pautas as questões raciais. As mulheres negras que faziam parte do movimento não eram representadas e consideravam-no uma face racista.

O feminismo negro questiona diversas questões: por que as questões raciais foram ignoradas por tanto tempo? Por que as mulheres negras são desumanizadas ou estão fora do “padrão de beleza”? Por que as histórias das pessoas negras não são contadas, mesmo quando se trata de um país onde grande parte dos habitantes são negros? Ou por que economicamente (no capitalismo brasileiro) as mulheres negras estão na base, sendo as pessoas mais vulneráveis e exploradas? Por que as mulheres negras são antimusas, fora do padrão ou sexualizadas?

Conforme Sueli Carneiro defende (2011) uma grande pensadora do feminismo negro brasileiro, as mulheres negras fazem parte de um contingente de pessoas que foram obrigadas a trabalharem, muitas vezes em trabalhos braçais, sem a preocupação da “fragilidade feminina” levantadas pelo feminismo branco da primeira onda. São consideradas antimusas por estarem fora dos padrões de beleza valorizados na sociedade. Além disso, a mulher negra é ignorada, marginalizada ou erotizada na sociedade em que vivemos.

A terceira onda do feminismo lutava e ainda luta pelas várias minorias, não sendo necessariamente apenas mulheres, uma das pautas do feminismo dessa onda é defender pessoas negras, a comunidade LGBT, entre outras. Para a filósofa feminista Djamila Ribeiro (2018) a terceira onda é um movimento interseccional e representa as mais variadas classes e grupos, respeitando as diversidades e lutando contra as opressões.

O objetivo do feminismo negro é mudar a percepção da sociedade em relação a mulheres negras, com objetivo de alcançar a equidade entre homens e mulheres, brancos e negros. Nesta fase do movimento inicia as abordagens sobre a interseccionalidade. Foi graças ao feminismo negro que o conceito de interseccionalidade se desenvolveu, que é a compreensão das várias formas de opressões não mais de forma isolada, mas juntas, combinadas:

Pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, porque são indissociáveis (Ribeiro, 2018, p.82).

Além de oferecer a visibilidade para todas as pessoas que vivem injustiças e opressões, o feminismo negro busca acabar com o patriarcado que coloca o homem como sujeito dominante, dono das mulheres. Este pensamento patriarcal não permite que se tenha uma educação emancipatória masculina, criando homens agressivos, dominantes. O feminismo negro tenta possibilitar uma vida mais digna e com reconhecimento para as pessoas LGBT a fim de que recebam o respeito que merecem e desfrutem dos direitos da sociedade.

De forma central, o feminismo negro defende homens e mulheres negras e plurais pois compreendem o racismo como um problema social a ser superado e que afeta toda a população negra.

Diferente do que muitos pensam, o feminismo não é um bando de mulheres que odeiam os homens, pelo contrário, são mulheres que buscam a liberdade para si mesmas e para os demais. Com objetivo de alcançar uma sociedade mais justa e igualitária para todos e todas: “E acredito que, se soubessem mais sobre o feminismo, não teriam mais medo dele, porque encontraria no movimento feminista esperança para sua própria libertação das amarras do patriarcado” (hooks, 2018, p. 14).

A terceira onda feminista defende que o movimento beneficia todas as minorias, por esta razão, deve ser defendida por todas as pessoas:

As políticas feministas têm por objetivo acabar com a dominação e nos libertar para que sejamos quem somos - para viver a vida em um lugar onde amamos a justiça, onde podemos viver em paz. O feminismo é para todo mundo (hooks, 2018, p. 123).

Diante de tudo que foi dito neste capítulo, compreendemos que o feminismo é fundamental para conscientizar a sociedade das vulnerabilidades que as mulheres passam diariamente e enfrentá-las. Todas as ondas feministas resultaram em algumas conquistas das mulheres que vivem nos dias atuais. Contudo, apesar de termos oportunidades melhores, ainda há muito o que conquistar, principalmente quando se trata de mulheres negras.

Djamila Ribeiro (2018) argumenta que o movimento feminista significa a luta pela equidade, ele promove o desenvolvimento de variados objetivos para alcançar uma sociedade verdadeiramente justa para as mulheres. O feminismo negro não defende somente as mulheres negras, mas a comunidade negra como um todo. Uma de suas pautas é a questão racial e a falta de valorização profissional que esses sujeitos sofrem no decorrer de suas vidas.

Entretanto, a população negra continua majoritariamente pobre. A população que formava o grupo 10% mais pobre, com renda familiar média mensal de R\$130 por pessoa, continuava majoritariamente negra, significando 76% em 2014. Esse número indica que entre os 10% mais pobres do país, três em cada quatro pessoas são negras (IBGE, 2014), o que comprova a conformação racial das desigualdades e a raça serem elementos estruturadores das relações sociais, aí incluídas as relações econômicas, culturais e políticas (Moraes, Silva, 2017, p. 70).

Na atualidade não podemos afirmar que a realidade é diferente, de acordo com o Instituto Brasileiro Geográfico de Estatísticas (IBGE, 2022) (Figura 1), a taxa de pobreza entre pessoas pretas e pardas é duas vezes maior que entre as pessoas brancas. Considerando o valor de R\$486 mensais per capita, a taxa de pobreza dos brancos era de 18,6%. Entre os pretos o percentual foi de 34,5% e entre pardos, 38,4%. Na linha de extrema pobreza, recebendo (R\$168 mensais per capita) as taxas foram de 5,0% para os brancos, contra 9,0% dos pretos e 11,4% dos pardos.

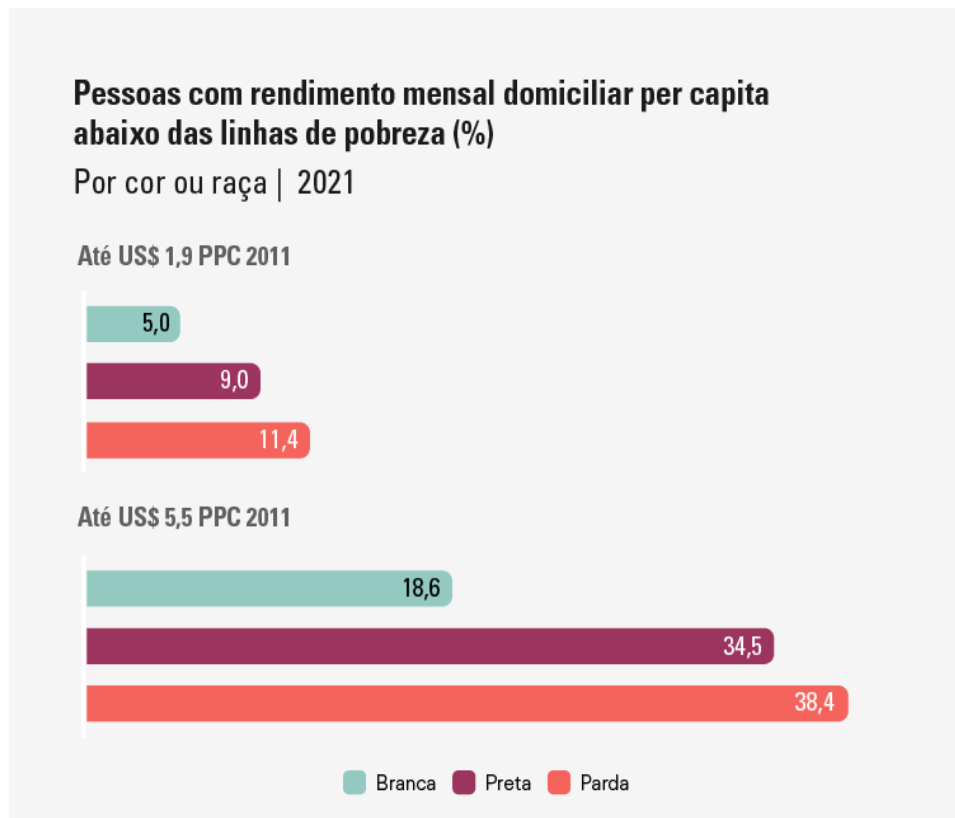


Figura 1: Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil.
Fonte: IBGE, 2021.

Além das pesquisas para repensar na população negra abaixo da linha da pobreza o movimento feminista busca leis fundamentais para as mulheres, um exemplo é a lei Maria da Penha, que atua contra a violência às mulheres brasileiras. Segundo hooks (2018) muitas pessoas não entendem a relação entre a dominação masculina e a violência que as mulheres sofrem em suas casas. O número de casos de violência e assassinatos é extenso, causados em sua maioria por familiares, amigos e parceiros homens. Por isso, defendemos que o movimento feminista tem como intuito oferecer uma educação diferente para meninos, que não querem a dominação masculina, mas que compreendam as mulheres como suas parceiras e sujeitas de respeito. Destacamos a educação feminista para a mudança social com possibilidade de leis que garantam a igualdade.

Foi por meio do movimento feminista que conquistamos também o direito a pílula anticoncepcional, camisinha e outros métodos contraceptivos, métodos a qual nos permite conter gestações não planejadas e proteção contra doenças transmitidas sexualmente. Muitas mulheres criaram métodos caseiros, brigaram pela educação sexual, pela popularização dos métodos contraceptivos quando foram finalmente criados. É importante ressaltar que há pelo menos 100 anos atrás a mulher não podia

escolher engravidar ou não, pois ela era posse dos homens e não havia métodos que as protegiam. Estes métodos não foram benéficos apenas para a comunidade feminina, mas também colaboraram com a comunidade LGBT.

O feminismo é o movimento que historicamente humanizou as mulheres e ofereceu a cidadania á elas por meio de lutas, lutas que até a atualidade são necessárias. Lutar pelo direito de ser ouvida, lutar pelo direito de estar em lugares de poder, lutar pelo direito de trabalhar, lutar pelo direito aos estudos, lutar pela escolha de seus maridos, lutar pelo direito de não querer se casar, lutar pelo direito de poder ser uma mulher LBGT, lutar pelo direito de propriedades e bens, lutar contra a violência feminina, lutar pelo direito de não sofrer racismo, lutar contra o feminicídio, lutar e lutar.

A grande massa da mídia tem espalhado inverdades em relação ao feminismo, por este motivo, é importante que as mulheres saibam que foi por meio deste movimento que temos proporcionado “liberdades”. E diferente do que os homens pensam, as feministas não propagam o ódio contra os homens, defendemos a igualdade de direitos e obrigações, além de argumentar a importância da educação dos meninos, educação para serem homens diferentes, que cuidam da saúde física e mental, que cuidam de suas famílias, que respeitam as diferenças, que são realmente aliados das mulheres.

CAPÍTULO 2: CONTRIBUIÇÕES DO FEMINISMO NEGRO PARA A EDUCAÇÃO - O QUE LORDE, COLLINS E HOOKS, TÊM A NOS ENSINAR?

O feminismo negro é o movimento social que pensa nas mulheres enquanto sujeitos diferentes com particularidades. Este movimento não considera apenas o gênero um de seus integrantes de análise e é isso que o difere das primeiras ondas do feminismo e do feminismo homogêneo. O feminismo negro é fundamental por trazer pautas ainda mais específicas sobre a individualidade feminina. Segundo Dayane Assis (2019) O feminismo negro é um movimento social que luta pela igualdade entre as mulheres e tem considerações nas individualidades: raça, classe, identidade de gênero e sexualidade. Estes marcadores possibilitam diferentes colocações sociais.

Não podemos dizer que a vida de uma mulher negra na sociedade terá as mesmas experiências que a de mulheres brancas, mesmo se pertencentes à mesma classe social. Uma mulher negra poderá esbarrar com mais empecilhos para encontrar um emprego que exija “boa aparência” ou enfrentar mais dificuldade para trabalhar com a sua imagem, além de estar mais sujeita a violência. O instituto Igarapé, utilizando os dados levantados pelo Globo, publicou dados que comprovam que as mulheres negras são as maiores vítimas de feminicídio, representando 67% dos casos no ano de 2020. Os casos de feminicídio no mesmo ano para mulheres brancas foram de 29,5%. Isso se dá pela estereotipação que existe em diferentes lugares, porém em sua grande maioria, não é valorizado o corpo negro, este é somente sexualizado.

Com a autora Dayane Assis (2019, p.12) compreendemos que:

Os feminismos negros, enquanto movimentos sociais, começam por questionar justamente a categoria mulher como uma unicidade. E fazem isso, principalmente, destacando a categoria raça para demonstrar as diferenças em ser lida como mulher negra em uma sociedade que, para além de ser sexista, é também racista.

O feminismo negro traz consigo diversas autoras e conceitos que são discutidos atualmente, conceitos que não consideram apenas as mulheres. Muitos destes conceitos trazem reflexões acerca da sociedade e da realidade, dando importância à vida de pessoas negras. Podemos afirmar que ele surgiu da necessidade das mulheres negras serem ouvidas e consideradas, havia: “Um silêncio que excluía as

mulheres negras do feminismo; um feminismo que em sua origem, sempre considerou apenas a vida e as experiências das mulheres brancas” (Morais, Silva, 2017, p. 61 e 62).

O feminismo negro mais conhecido tem os primeiros registros no Estados Unidos no início da década de 1970. Contudo, muito antes disso, tivemos mulheres na história que questionavam as desigualdades entre as próprias mulheres. Ainda no século XIX a estadunidense Sojourner Truth, nasceu na posição de escravizada, passou pelo período abolicionista e durante sua vida, priorizou a defesa dos direitos das mulheres.

Em 1851, no Estado de Ohio, aconteceu uma convenção que discutia os direitos das mulheres, nesta convenção, Sojourner disse:

[...] O homem lá adiante diz que as mulheres precisam ser ajudadas a entrar nas carruagens e a sair do buraco e ter por toda parte os melhores lugares. Ninguém nunca me ajudou a entrar em carruagens, a sair da lama nem me deu qualquer lugar melhor! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para o meu braço! Eu lavei a terra, plantei e juntei tudo no celeiro e nenhum homem poderia me liderar! E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar e comer tanto quanto um homem - quando eu conseguia - e suportar o chicote tão bem quanto! E não sou uma mulher? [...] (Lins, Machado e Escoura, 2016, p. 28).

Por meio deste relato da Truth, podemos observar que mesmo antes do feminismo surgir como movimento social organizado, mulheres negras já percebiam que não eram tratadas como mulheres brancas.

Historicamente, mulheres brancas de classes favorecidas não concordavam com o fato de serem vistas como pessoas inaptas para a realização do trabalho fora de casa. Já, a militante relata que mulheres negras, entre outras, jamais tiveram esse “privilégio” de ser consideradas frágeis, essas mulheres pelo contrário viviam em exploração profunda do trabalho, condições de abusos, proveitos e vantagens.

A autora Assis (2019) argumenta que a partir do ano de 1970 foi o início de uma nova era na entrada de mulheres negras que se tornaram pesquisadoras nas universidades dos Estados Unidos. Isso foi facilitador para a ampliação dos conceitos do feminismo negro, possibilitando o crescimento e avanço desta corrente teórica. Algumas autoras norte-americanas que colaboraram para a teorização do feminismo negro foram: Patricia Hill Collins, bell hooks e Audre Lorde, Angela Davis, Kimberlé, por meio dos estudos e análises, cada uma desenvolveu uma contribuição teórica,

tais pesquisas juntas se tornaram o que hoje conhecemos como teoria do feminismo negro.

Segundo Moraes e Silva (2017) o movimento feminista negro surgiu no Brasil, em período semelhante aos EUA, no final da década 1970. Iniciou-se com reivindicações de ativistas negras. Elas lutavam contra a homogeneidade feminista das primeiras ondas, que excluía de suas pautas as questões raciais. As mulheres negras que faziam parte do movimento não eram representadas e consideravam-no uma face racista. Uma das principais lutas do movimento feminista negro surge por meio de um propósito: Lutar pela igualdade entre mulheres negras e brancas, considerando direitos de todas:

No Brasil, o feminismo negro tem sua base teórica nos estudos feministas negras norte-americanas, como bell hooks, Patrícia Hill Collins, Kimberlé Crenshaw e Ângela Davis, primordialmente. Não se pode esquecer o papel fundamental exercido pela professora e antropóloga brasileira Lélia González, falecida em 1994, ao introduzir tais estudos no Brasil (Moraes e Silva, 2017, p. 67).

Lélia Gonzalez foi uma grande ativista do feminismo negro, uma das primeiras brasileiras que criticava e debatia sobre o feminismo hegemônico. Lélia se formou em história, geografia e filosofia e se tornou mestre em comunicação social. Além disso, foi uma das primeiras e grande colaboradora que ajudou a fundar o Movimento Negro Unificado (MNU).

Assis (2019) afirma que o desenvolvimento do feminismo negro no nosso país, acontece entre os anos de 1970 e 1980, quando grupos de mulheres negras passam a se reunir com maior frequência em muitos estados do país. As discussões foram garantindo espaço e até possibilitando lugares de poder na política para mulheres negras, que não desperdiçaram a oportunidade de realizar reivindicações.

A respeito das conquistas das mulheres, de modo geral, no Brasil, é importante mencionar “Um fato histórico marcante nesse processo é a formação do Conselho da Condição Feminina em São Paulo (1983): fruto de reivindicações dos movimentos feministas (...)” (Assis, 2019, p. 29). Por ironia, é importante destacar que este conselho de condição feminina não tinha nenhuma mulher negra como participante.

Historicamente, o movimento feminista negro foi discutindo temas importantes, e mais que isso, combatendo um grande problema que enfrentamos no Brasil, a violência contra as mulheres: “[...] nas últimas décadas, um aumento da violência

doméstica contra as mulheres negras em relação a diminuição, no mesmo período, dos mesmos crimes em relação às mulheres brancas” (Assis, 2019, p.31).

Todas estas informações mostram como é fundamental o feminismo negro não só para o empoderamento das mulheres que fazem parte deste movimento, mas visando uma sociedade mais justa para todos e todas. Para Djamila Ribeiro (2018), o empoderamento pode ser mal interpretado quando é visto como luta individual, ele vai além da busca pelo poder. O empoderamento é a busca pelo coletivo, para o feminismo negro, objetiva-se empoderar a si e outras mulheres como sujeitos ativos de modificações.

O feminismo luta e lutou pela educação de maneiras diferentes e significativas, possibilitando diversos avanços. Podemos destacar as reivindicações de creches para as crianças filhas das mulheres trabalhadoras, esta foi uma grande luta das mulheres durante a Revolução Industrial. Hoje, as mães trabalhadoras têm como direito o “Auxílio Creche”, um auxílio financeiro para que as mães tenham onde ou com quem deixar seus bebês menores de 6 meses. Podemos destacar que estes direitos foram conquistados por meio das lutas das ativistas.

Este capítulo tem como objetivo apresentar as contribuições do feminismo negro para a educação. Para isso escolhemos trabalhar com as seguintes autoras estadunidenses: Audre Lorde, Patricia Hill Collins e Bell Hooks. Todas as autoras escolhidas passaram pelo critério de escolha, que é a relevância que possuem na teoria feminista negra e a aproximação possível de seus escritos e pensamentos com a área da Educação. Isto em um sentido amplo, refletiremos sobre: educação de meninos e meninas, educação de crianças negras, educação escolar, educação para um mundo mais justo, que reconheça as diferenças fora da desigualdade e da opressão.

2.1. Audre Lorde

Nascida no Estados Unidos no ano de 1934, Audre Geraldine Lorde foi uma ativista do movimento feminista negro, escritora e grande poetisa. No ano de 1959, Lorde se formou na Universidade de Nova York, no curso de biblioteconomia. Depois de formada e já atuante na área de bibliotecária, Lorde finalizou seu mestrado dando continuidade na mesma área.

Na década de 1960 alguns de seus escritos foram publicados em revistas. O primeiro livro que Audre publicou foi no ano de 1968, que se chamava "The First Cities", isso a alavancou em sua carreira como escritora. Audre casou-se com o advogado Edwin Rollins e durante o casamento tiveram dois filhos, um menino e uma menina. Aproximadamente no ano de 1970 seu casamento chegou ao fim, após o divórcio, Audre se assumiu como uma mulher lésbica, sua parceira era Frances Clayton que diferente dela, era uma mulher branca, isso colocava-as como parte de um casal interracial.

Algumas obras desta grande poetisa e escritora foram: *Cables to Rage* (1970), *From a Land Where Other People Live* (1972), *New York Head Shot and Museum* (1974), *Coal* (1974), *The Black Unicorn* (1978), *The Cancer Journals* (1980), *A Burst of Light* (1981), *Uses of the Erotic: the erotic as power* (1981), *Chosen Poems: Old and New* (1982), *Zami: A new Spelling of My Name* (1982), *Sister Outsider: Essays and Speeches* (1984), *Our Dead Behind Us* (1986). Lorde continuou publicando seus trabalhos até o início da década de 90, quando foi diagnosticada com câncer de mama. No dia 17 de novembro de 1992, aos 58 anos de idade, Audre Lorde faleceu nas Ilhas Virgens Americanas.

Partirei das contribuições de Audre Lorde para abordar as seguintes reflexões: hierarquia de opressão, relação das mulheres com o silêncio e a importância de lidarmos com a diferença.

Para Lorde não existe hierarquia de opressão, isso significa que uma opressão não pode ser considerada pior que outra ou mais branda, menos grave que outra. Segundo a poetisa: "Enquanto estivermos divididos por causa de nossas identidades particulares, não temos como estar juntos em ações políticas efetivas" (Lorde, 1990, p. 2).

Conforme apresentado anteriormente, a pensadora Lorde foi uma mulher negra e lésbica que viveu diferentes opressões. Ela relata (1990) que não se encaixava entre as pessoas negras por ser lésbica, e nem se encaixava entre mulheres lésbicas por ser negra. Ela enfrentava três opressões diferentes, o machismo, racismo e a lesbofobia. Lorde explica a teoria da hierarquia de opressão, advertindo que não existe uma opressão superior à outra. Isso significa que ser negro não é mais ou menos desafiador, em nossa sociedade, do que ser mulher ou ser da comunidade LGBT. E que todas as opressões estão conectadas, vem de um mesmo padrão excludente.

A partir de sua própria vivência entende que muitas pessoas lidam com todas essas opressões de forma interseccionada: “sei que não posso me dar ao luxo de lutar contra uma única forma de opressão. Não tenho como achar que estar livre da intolerância é direito de apenas um grupo específico” (Lorde, 1990, p. 2).

Uma das grandes contribuições dessa reflexão é a preocupação e defesa das pessoas negras enquanto pessoas plurais: pessoas negras LGBTQs, pessoas negras pobres, mulheres negras, crianças negras, pessoas idosas negras, entre outros. “Para nós, cada vez mais, a violência permeia a rotina de nossa vida” (Lorde, 1990, p.251). Dessa forma não há para ela nenhuma possibilidade de aceitar o racismo, a dominação de classe, o adultocentrismo, etarismo, homofobia, machismo, lesbofobia e transfobia, entre outras dominações, pois elas todas afetam a população negra.

Quando me recordo que há grupos de oprimidos, me lembro também que existem grupos de opressores, o que eles ganham em troca dessa superioridade? Bom, de acordo com Audre Lorde “a crença na superioridade inerente de uma raça sobre todas as outras, e assim, seu direito de dominar”. (Lorde, 1990, p. 1). Há um grupo que na maioria das situações são dominadores, estes são: homens, héteros e brancos.

Há uma articulação de privilégios: ser homem, de pele branca e heterossexual. São os homens brancos que recebem os maiores salários, ocupam posições de mando e altos cargos, são menos vítimas de violência em casa, violência policial, não tem as suas vidas afetivas deslegitimadas, por serem heterossexuais. “É com essa norma mítica que as armadilhas do poder existem dentro da sociedade” (Lorde, 1990, p. 248). Lorde (1990) reflete que o homem branco heterossexual é considerado o sujeito de tudo, o padrão de seres humanos. E quanto mais você se afasta deste padrão, mais exposto às opressões nós ficamos.

Visionária, a feminista Audre Lorde pensa nesta opressão como algo que afeta não somente a educação das crianças, mas o futuro de nossa humanidade. Muitas foram e são as lutas pela falta de aceitação entre as pessoas, por não compreenderem suas diferenças de ideias, características físicas e culturais, entre outras. Por esta razão, para Lorde (1990) as crianças precisam saber que pode haver diferenças entre elas, para que juntas consigam investir em um futuro que dividirão. É fundamental que compreendam desde a infância que não podemos ter vantagens com a opressão de outro grupo. Todos deveriam ter o direito de viver em paz e com dignidade.

Audre Lorde defende que é arrogância acadêmica iniciar uma discussão sobre o feminismo sem destacar as diferenças entre as mulheres, brancas, negras, pobres e lésbicas. Durante anos a população de mulheres negras se calaram diante de toda opressão enfrentadas dentro do movimento feminista. “Defender a mera tolerância das diferenças entre mulheres é o mais grosseiro dos reformismos. É uma negação da função criativa da diferença em nossas vidas” (Lorde, 1997, s/p.) Respingos do patriarcado são existentes dentro do movimento feminista, quando observamos que há limites para as mudanças.

[...] aquelas de nós que são pobres, que são lésbicas, que são negras, que são mais velhas - sabem que a sobrevivência não é uma habilidade acadêmica. É aprender a estar só, a ser impopular e às vezes hostilizada, e a unir forças com outras que também se identifiquem como estando de fora das estruturas vigentes para definir e buscar um mundo em que todas possamos florescer (Lorde, 1997, s/p.)

A autora (1997) crítica a supremacia feminista branca, visto que historicamente mulheres brancas iam para conferências e estudos teóricos que abordava a força feminina. Enquanto isso, as mulheres negras eram as babás dos filhos de mulheres brancas. Dessa forma, ainda nos perguntamos por que mulheres negras não eram convocadas nas conferências? Será que existe racismo dentro da teoria feminista?

Quantas de nós, mulheres negras, evitando olhares, alisamos o cabelo, nos vestimos da forma mais discreta possível, mantemos uma postura passiva. Alguma dessas atitudes se dá pelo medo da crítica, pelos olhares de opressão, pelo desprezo dos outros, por saber o perigo de debater, de discutir e se posicionar. Lorde ainda fala sobre isso, quando diz: “Que palavras ainda lhe faltam? O que necessita dizer? Que tiranias vocês engolem cada dia e tentam torná-las suas, até asfixiar-se e morrer por elas, sempre em silêncio?” (Lorde, 1977, p. 2).

Conforme as reflexões de Lorde (1977) observamos que seguimos com o desafio de transformar o silêncio das mulheres negras para a possibilidade de fala, esta é uma atitude de coragem e força, pois este caminho está repleto de medos e perigos. Seguimos lutando na posição de mulheres negras, mesmo que tenhamos vulnerabilidades, com o objetivo de alcançar o direito de viver com dignidade.

Entendemos a necessidade da quebra do silêncio no feminismo negro, pois, por meio destes posicionamentos que nos afastamos da teoria do feminismo homogêneo. Não podemos garantir que se expressar como mulher negra é fácil, na

verdade afirmo que pelo contrário, é difícil saber que não somos prioridade e somos ridicularizadas desde pequenas. Mesmo assim, a luta precisa continuar, é por meio da linguagem que tentaremos romper com o silêncio que assola a comunidade de pessoas negras no Brasil e no Mundo.

O fato de estarmos aqui e que eu esteja dizendo essas palavras, já é uma tentativa de quebrar o silêncio e estender uma ponte sobre as nossas diferenças, porque não são as diferenças que nos imobilizam, mas o silêncio. E restam tantos silêncios para romper! (Lorde, 1977, p.3)

Essa fala acima da feminista foi no contexto de ter sido convidada para uma conferência poucas horas antes dela acontecer e levantar questionamentos sobre o lugar das mulheres negras nestes eventos, na menor visibilidade que as mulheres recebem e por isso a importância de quebrar o silêncio e apontarem as críticas ao próprio feminismo.

Em síntese, consideramos como contribuições da Audre Lorde para pensarmos a educação, não apenas de crianças, mas educação feminista para um mundo mais justo e menos opressivo, questões a se refletir são: opressões se conectam e derivam da mesma estrutura de poder; as diferenças existem e precisam aprender a ver algo de produtivo, de bom, para a diferença nos torna mais criativos, as mulheres não são iguais e precisam reconhecer suas individualidades e as que experimentam diferentes opressões interseccionadas tem o direito de falar, de se pronunciar e quebrar com o silêncio. A educação feminista não deve pensar somente nas mulheres de modo hegemônico, mas é necessário que tenha a visibilidade no antirracismo, na anti-homofobia e um dos objetivos é que ela ensine todas as mulheres a falar, ensinar a elas que o silêncio não as protege.

2.2. Patrícia Hill Collins

Patrícia Hill Collins nascida no dia 1 de maio no ano de 1948, nos Estados Unidos, se formou em sociologia na Universidade de Brandeis no Estado de Massachusetts, realizou seu mestrado em Harvard em educação de Ciências Sociais e findou seu doutorado na Universidade de Brandeis. Se tornou professora do departamento de sociologia da Universidade de Maryland. Suas principais obras são;

“Pensamento Feminista Negro”, lançado no ano de 2019, Interseccionalidade ano de 2021 e “Bem mais que ideias”, no ano de 2022.

As contribuições de Collins trarão para esta monografia o conceito de interseccionalidade como tema geral, a interseccionalidade na educação crítica e as três formas de opressão e controle que as mulheres negras enfrentam diariamente. Traremos os estudos pensando na educação e as mudanças que poderiam ser geradas.

A palavra interseccionalidade passou a ser utilizada nos Estados Unidos inicialmente nos estudos acadêmicos por volta do início do século XXI. E não somente no ensino superior das universidades, mas entre professores da educação básica, ativistas das políticas públicas e nos mais variados lugares. Segundo Collins e Bilge (2021) as pessoas que utilizavam este termo, tinham um conceito variado de interseccionalidade, que poderia ser resumido com a seguinte descrição:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária -entre outras- são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins, Bilge, 2021, p. 16,17).

Conforme dito na citação acima, há muitas determinações que impõem ou ditam as intersecções de opressões que podemos enfrentar diariamente. Isto se dá porque a sociedade dita um padrão de ser humano e quanto mais distantes deste padrão, mais excluídos poderemos estar, de uma série de direitos, perante a convivência nessa mesma sociedade.

Essa reflexão tem sido feita por muitas estudiosas negras, conforme já apresentamos com a Audre Lorde. Para a autora brasileira Djamila Ribeiro (2018) a interseccionalidade defende que não há uma opressão mais grave que a outra, que as mais diversas formas de opressões precisam ser rompidas. Considerando que raça, classe e gênero não devem ser vistas como categorias isoladas de opressões, pois elas são inseparáveis. O conceito de intersecção se relaciona com reflexão de que a opressão se conecta de Lorde, que foi uma das primeiras autoras a defender que não há uma opressão maior que outra, porém as diferentes intersecções que

essas opressões formam. Quanto mais intersecções temos em nossas vidas, mais desafios podemos enfrentar diariamente.

Com as obras de Collins, em especial “Interseccionalidade” (2021) que ela escreveu com a Bilge, a educação precisa se apropriar do conceito de interseccionalidade para reavaliar que tipo de formação as crianças e jovens do mundo estão recebendo. Na educação crítica, docentes buscam libertar seus alunos e alunas por meio de sua atuação, de modo a abordar em sala as práticas e conteúdos conectados à cultura, a defesa de uma sociedade democrática para termos transformações sociais. Este método de atuação docente se alinha com as críticas que a interseccionalidade faz a respeito da sociedade, desta forma: “Nesse contexto, o potencial emancipador da educação é enorme” (Collins, Bilgi, 2021, p. 236). Muitas práticas educacionais que professores e professoras usam podem contribuir significativamente com a libertação.

O termo de libertação na educação é defendido por Paulo Freire, autor do livro *Pedagogia do Oprimido* (1987). No livro, o autor descreve a importância da educação para a emancipação e empoderamento dos e das discentes, mostrando em suas discussões o poder que a educação tem de privar ou oferecer direitos aos alunos e alunas. Freire se refere às desigualdades usando os termos “oprimido” - título do livro. Esta desigualdade citada em seu livro se relaciona com a interseccionalidade que Collins discute a conexão entre classe social, gênero, etnia, religião, raça, pessoas com deficiências, entre outros.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (Freire, 1987, p. 23).

As contribuições de Freire vão além de se repensar em um novo método pedagógico, conforme defende Collins e Bilgi (2021) o educador pensa na justiça social de seus alunos, por essa razão ele aborda a emancipação dos alunos e alunas por meio dos estudos. Além disso, o professor e pensador realiza críticas à educação tradicional, que tem como características o reprodutivismo, que discentes só repetem e reproduzem o que escutam e não aprendem a pensar, neste caso o professor ou

professora é a pessoa detentora do conhecimento e o aluno ou aluna deve aprender o que lhe é transferido.

Pensando nesse modelo de educação, podemos ver uma falha quando tratamos das questões sociais que estão presentes também nas escolas. Se o professor ou professora usa o método tradicional ele pode apenas corroborar para duas coisas: uma é que os alunos e alunas se acostumem com as desigualdades sociais ao receberem uma educação que ensina para a obediência e outra que é não ter capacidade de pensar sobre essas desigualdades, pois na educação tradicional os alunos e as alunas são pouco reflexivos, só reproduzem o que escutam. Essa educação continua afetando a vida dos alunos e alunas.

A educação que defendemos precisa também ter um sentido social, a educação tradicional faz sentido em uma sociedade que quer se manter desigual. A educação crítica e feminista é um desejo de mudança social. Com as autoras Collins e Bilge (2021) percebemos que a educação está conectada a um modelo de sociedade defendido. Conforme reflete a autora:

[...] em sociedades que veem as meninas no futuro apenas como cuidadoras, esposas e mães, não faz tanto sentido lhes dar uma escolaridade formal. O recurso escolar é “desperdiçado” com elas, porque são depositadas nelas habilidades que nunca usarão (Collins, Bilgi, 2021, p.239).

A educação de qualidade deve chegar em todos os lugares e classes, além disso defendo a ideia de ser oferecida essa educação nas instituições públicas periféricas. O objetivo é de quebrar paradigmas, para proporcionar que negros e negras deixem de ser o grupo majoritariamente mais explorado da sociedade. O propósito é que essas pessoas recebam a educação emancipadora com oportunidade de estudarem, se formarem, de terem bons salários, e que tenham ocupações mais valorizadas.

Collins e Bilge (2021) apontam que deste modo, a educação bancária ensina e reproduzir para todos os alunos e alunas os mesmos lugares sociais desiguais: que o homem branco, hetero, de classe social privilegiada deve estar no poder, consequentemente os demais alunos e alunas (negros, negras, LGBTQI+, da classe trabalhadora, com deficiência) devem consentir com o seu lugar na sociedade. Vale lembrar que lhes são concedidos os mais baixos cargos, principalmente se forem pessoas negras.

“A educação tem sido fundamental nas lutas políticas, indo além da concepção bancária de educação” (Collins e Bilgi, 2021, p. 240). Baseada nesta afirmação é importante destacar a necessidade da educação crítica, como recurso singular para se refletir sobre questões pessoais e sociais. Essa educação possibilita a compreensão das várias opressões vividas e leva pessoas oprimidas a refletirem que a vida pode oferecer mais desafios simplesmente por elas não fazerem parte do grupo privilegiado. Essa consciência promove nas pessoas oprimidas mais recursos para agir e exigir mudança social. E não apenas isso, a educação crítica gera consciência aos grupos estabelecidos como privilegiados. Se todas as pessoas recebessem esta educação conscientizadora e crítica, as pessoas privilegiadas poderiam lutar por um mundo mais justo se fossem educadas para isso, e seriam ensinadas para ver o quão ruim é a desigualdade social.

Collins e Bilge (2021) argumentam sobre a luta em defesa da educação pública estadunidense. Neste momento me coloco em defesa das instituições públicas de educação brasileira, que é fundamental, para que crianças, adolescentes, jovens e adultos possam ter a oportunidade de obter uma educação que desperte a consciência crítica. Que discuta as desigualdades sociais, as diversas opressões que alguns grupos sociais enfrentam e a importância da democracia para nossa sociedade.

Quando realizamos a defesa da educação crítica que debata a interseccionalidade, é com o objetivo de oferecer a equidade a todos os e as estudantes. Oferecer conhecimentos sociais e específicos para que todos possam combater as estruturas sociais. Segundo Collins e Bilge (2021) disponibilizar estudos sobre os povos africanos, suas vidas antes da escravidão e sobre como foram forçadamente escravizados e os efeitos disso até hoje seria fundamental para todos os alunos e alunas, não apenas estudantes negros e negras. Do mesmo modo, as discussões sobre a identidade LGBTQI+ tem grandes competências para se trabalhar a educação crítica e desaprovar as violências de origem homofóbicas.

“A interseccionalidade resiste à pressão neoliberal para se concentrar nas causas individuais e pessoas da desigualdade social, mostrando que fatores estruturais estão em ação” (Collins e Bilge, 2021, p. 266). Por esta razão, ressaltamos o valor do trabalho escolar com métodos que valorizem a educação crítica, os estudos de interseccionalidade e a relevância da democracia para todo esse processo educacional. Com isso as crianças e jovens aprendem a ver a estrutura da sociedade

e como ela é desigual e não pensar que as violências e opressões são falhas de caráter de cada pessoa.

É um fato relatar que grande parte das mulheres negras vivem opressões interseccionadas, infelizmente os países que usufruíram da escravidão encontram-se em situações ainda mais desastrosas, pois negaram, e talvez ainda negam os direitos civis a todos. Isso porque escravizados e escravizadas eram rejeitados diante da sociedade nos mais variados contextos. O Brasil, por exemplo, não reparou o crime cometido, não criou formas de integração da população recém liberta, não indenizou as pessoas negras pelo crime da escravidão que durou séculos. E as mulheres negras estão com os menores salários, as que pagam até hoje o preço dessas opressões.

Collins (2019) argumenta 3 formas de opressões que mulheres negras enfrentam e enfrentaram para fazer parte do corpo social. São dimensões que definem a posição das mulheres negras nos Estados Unidos e podemos relacionar com o território brasileiro. A primeira dimensão se baseia na exploração trabalhista das mulheres negras e nas questões financeiras impostas atualmente para elas. Durante muito tempo, o trabalho determinado era o braçal, que desgasta o físico e não oferece retorno financeiro, além disso, restringia a participação das mulheres negras em todo o tipo de trabalho intelectual. Basicamente a pobreza e a exploração, ficou durante muito tempo, como a única forma de trabalho que mulheres negras conheciam, isso nos coloca na situação de sermos economicamente inferiores. Atualmente, isso tem se modificado, mas ainda lentamente e a maioria das mulheres negras enfrentam essa vulnerabilidade econômica.

“Segundo, a dimensão política da opressão negou às mulheres afro-americanas os direitos e privilégios que costumam ser estendido aos cidadãos brancos do sexo masculino” (Collins, 2019, p. 35). Esta segunda influência privou as mulheres de seus direitos, como ter cargos públicos, direito ao voto, direito de ter propriedades, entre outros. Historicamente, em nossa realidade brasileira, negaram a possibilidade de estudos aos escravizados, dificultando o acesso e a permanência deles nas escolas, inclusive, criaram leis no Brasil, com objetivo de manter a submissão e obediência das pessoas analfabetas e garantir que não fossem incluídos e incluídas na sociedade pós proibição da escravidão. Esta segunda dimensão retrata as questões políticas e a falta dos direitos sociais que as pessoas negras enfrentam.

A terceira dimensão está relacionada às questões ideológicas que a sociedade tem em sua cultura. Sabemos que até nos dias atuais as mulheres negras sofrem com

a dificuldade de serem aceitas, por haver uma expectativa, um modelo de mulher que elas raramente atendem. Quais mulheres estão dentro do modelo padrão? Brancas, cabelo liso, magras, altas, sem qualquer tipo de deficiência, femininas e heterossexuais, são estas as mulheres designadas como aceitas diante da sociedade. “Na cultura estadunidense, as ideologias racistas e sexistas permeiam a estrutura social a tal ponto que se tornem hegemônicas, ou seja, são vistas como naturais, normais e inevitáveis.” (Collins, 2019, p. 36).

A questão ideológica não define-se somente pela estereotipação das mulheres brancas, mas a grande exclusão que as mulheres negras vivem e viviam, se trata de pessoas que foram negadas ao direito ou a permanência em escolas, que a entrada em áreas acadêmicas foi desafiadora, que são vistas como pessoas inferiores e vivem em sua maioria em situações de vulnerabilidade social. Tudo isso se dá porque a sociedade que vivemos hoje é patriarcal e racista, isso significa que tudo é dominado pelos homens brancos, hetero e de elite. “Dado que a autoridade para definir valores sociais é um importante instrumento de poder, grupos de elite no exercício do poder manipulam ideias sobre a condição da mulher negra” (Collins, 2019, p. 152).

Com a autora, entendemos que as mulheres negras não podem se definir, de estabelecer o que são perante a sociedade, pois quem define são os grupos poderosos e esses grupos colocam a mulher branca como padrão. O que sobra para a mulher negra? As mulheres negras ficam na posição de inferiorizadas, pois não são como as mulheres brancas, não são delicadas, não são para casar, seu cabelo não é o modelo estabelecido, de modo geral, estamos fora de qualquer padrão definido pelo grupo superior.

Já ouvi em diversos lugares e recentemente até em um podcast a seguinte frase “Mulher é artigo de luxo” observei que esta discussão vem de uma visão machista que tem como objetivo dominar as mulheres. Como aponta Collins “A dominação sempre envolve tentativas de objetificar o grupo subordinado” (Collins, 2019, p.154) infelizmente a objetificação não se trata apenas de estar com uma mulher bonita para mostrar seu troféu, seu mérito e sua conquista. Vai além disso, a objetificação da mulher negra se mostra no trabalho, no casamento e nos afazeres domésticos, e basicamente na hierarquia social, quando observamos que as mulheres negras são as inferiores em grande maioria das relações sociais.

As imagens de controle e opressão das mulheres negras que a autora relata, se trata de mantê-las na posição de submissão em relação às demais pessoas da

sociedade. Para a feminista: imagens de controle são as imagens que a sociedade tem das mulheres negras e essas imagens irão controlá-las. Por esta razão Collins cita a origem dessa necessidade de controle:

[...] como negras e brancas eram importantes para que a escravidão continuasse, as imagens de controle da condição de mulher negra também funcionam para mascarar relações sociais que afetavam todas as mulheres (Collins, 2019, p.156).

Desta forma, mulheres brancas eram estimuladas a se auto-observarem como superiores das mulheres negras, pessoas dignas de respeito, de submissão e obediência. Já para as mulheres negras era imposto o respeito, as colocavam na posição de mammy- “a serviçal fiel e obediente”(Collins,2019, p.156). Assim, a mulher preta deve saber sua posição no grupo familiar, na supremacia branca.

É importante destacar que esta visão de mammy ainda é refletida nos dias atuais, podemos observar isto quando vemos as novelas, séries ou filmes, onde as domésticas são mulheres negras que não tem vida social, mulher de confiança, que se sacrifica pela lealdade com sua patroa. Esta imagem de controle é utilizada para que não possamos nos ver na posição de mulheres empoderadas e sim alienadas, não são mulheres inteligentes que buscam transformações, e sim mulheres obedientes que se calam diante da sociedade.

Existe também uma segunda imagem de controle que é a da Jezebel. “A imagem da Jezebel surgiu na época da escravidão, quando as mulheres negras eram vistas como “amas de leite sexualmente agressivas” (Collins, 2019, p. 171). Além de serem vistas como amas de leite quando também amamentavam seus próprios filhos, em diversos momentos os senhores forçavam relações sexuais e utilizavam a desculpa que mulheres negras tinham grande “apetite sexual” (Collins, 2019, p.171), mas o termo correto é abuso sexual, sendo mais explícita o próprio estupro.

Durante anos mulheres negras foram vistas como Jezebel, como objeto sexual, como mulher fogosa, aventureira sexual, mulheres para se envolver em uma noite e não para casar. Esta imagem de controle coloca as mulheres negras na posição de pessoas com apetite sexual insaciável, que não vão se opor ao sexo, e proporcionam prazeres sem esperar nada em um relacionamento. Toda essa situação se torna ainda pior quando observamos que muitos homens têm essa mesma visão com meninas negras. Conforme abordam Santiago e Farias (2021). Esta é uma das várias situações que desumanizam as crianças negras, é o reflexo da nossa

sociedade e o peso das hierarquias que legitimam privilégios raciais. Quantos casos de abuso sexual não vemos na televisão? Ou não conhecemos de perto? Esta imagem deve ser interrompida imediatamente.

Collins contribui para esta pesquisa demonstrando como as mulheres negras são historicamente subordinadas, o quão difícil é se libertar das garras e das relações sociais machistas e racistas que vivemos. Para isso vimos a necessidade da educação crítica e emancipadora, como recurso para transformar esta realidade social. Vimos a importância da luta pela educação pública e democrática. É esta a educação que tem o poder e dever combater as imagens de controle imposta às mulheres negras, de modo a não permitir que estas imagens continuem sendo reproduzidas, especialmente no ambiente escolar em que não se espera muito das meninas negras.

2.3. bell hooks

Bell hooks nasceu no dia 25 de novembro do ano de 1952, em Hopkinsville. Seu nome de batismo é Gloria Jean Watkins. Nos primeiros anos de sua vida, estudou em escolas públicas, as instituições de ensino ainda eram marcadas pela segregação racial. Com auxílio de bolsas de estudos, no ano de 1973 se formou em Letras na Universidade de Stanford. Iniciou seu mestrado em inglês na Universidade Wisconsin-Madison no ano de 1976. E em 1983 finalizou seu doutorado em inglês realizando em sua dissertação uma análise da autora Toni Morrison. Em 1976 se tornou professora na Universidade do Sul da Califórnia onde ministrava aulas que abordaram estudos étnicos raciais, passou por diversas universidades lecionando estudos afro-americanos.

O pseudônimo bell hooks foi inspirado em sua avó, por parte de sua mãe. A feminista, escolheu que ao referenciá-la, deveria ser com letras minúsculas, de modo a demonstrar a importância de sua escrita. Evitando sua individualidade e pensando mais de maneira coletiva. Aos 69 anos, no dia 15 de dezembro de 2021, hooks faleceu, não foi informado a doença por trás de sua morte, porém o jornal estadunidense, The Washington Post, revela que hooks foi vítima de uma insuficiência renal.

Apesar de sua morte, a pensadora, ativista, professora e teórica deixou seu legado juntamente com vários escritos, alguns de seus livros traduzidos, são: “Tudo

sobre o amor”, “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática”, “Anseio: raça, gênero e políticas culturais”, “Olhares Negros: raça e representação”, “Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra”, “Não serei eu mulher? As mulheres negras e o feminismo” , “Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade” e “O feminismo é para todo mundo”.

bell hooks contribui para esta pesquisa quando afirma que o feminismo não se baseia em rixas entre os homens e mulheres, pois essas rixas não relatam a realidade sobre as desigualdades. Podemos dizer que no mundo do trabalho homens negros vivem as opressões de terem salários menores que os das mulheres brancas, logo essa oposição homem x mulher não é exatamente como pensamos: homens acima das mulheres, já que ninguém é só homem ou mulher, tem outros recortes: classe social, cor/etnia, orientação sexual, entre outras. A autora também vai abordar que o feminismo negro pode oferecer mudanças e transformações de vida a outras parcelas da população, não sendo apenas para as mulheres negras. A feminista discute também a importância de pessoas negras amarem seus corpos, seus cabelos, suas características, isso inicia-se entre as famílias e deve ser desenvolvido nas escolas, e que seria importante que sejamos, pessoas negras, ensinadas e ensinados a nos amar.

Uma das principais lições da obra “O feminismo é para todo mundo” da pensadora que nos permite refletir sobre a educação que defendemos para o futuro é a superação de velhas oposições. O feminismo não se baseia na rivalidade entre homens e mulheres, nem mesmo afirma a superioridade de um gênero específico, mas se trata de fato de combater todas as formas de sexismo, como a autora argumenta o movimento da seguinte maneira: “Feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” (hooks, 2018, p. 13). Neste sentido, a autora defende que esse movimento deve ser conhecido pelas mais variadas pessoas, homens, mulheres, comunidade LGBT, pessoas com deficiência, de diferentes classes sociais, lugares do mundo, entre outros.

A diferença está apenas no fato de que os homens se beneficiaram mais do sexismo do que as mulheres e, como consequência, era menos provável que eles quisessem abrir mão dos privilégios do patriarcado. Antes que as mulheres pudessem mudar o patriarcado, era necessário mudar a nós mesmas; precisávamos criar consciência (hooks, 2018, p. 23).

Um dos desafios que o feminismo enfrenta na contemporaneidade é sua

disseminação distorcida, nas redes sociais, fazendo com que a sociedade veja as feministas como mulheres insensíveis que desejam ser melhores que os homens. Mas como os homens lutariam em prol de um movimento que de fato não conhecem? Como lutar pelo que não foi ensinado? Como adquirir essa consciência que a autora fala se o feminismo não é abordado nas escolas, nem em nossas famílias? Como pensar diferente se nem mesmo nas universidades, professores e professoras conhecem as teorias feministas? Como saber sobre aquilo que não estuda, não vive, não teve contato? Que quando vemos algo sobre o assunto, é pura histeria e está repleta de inverdades. Por esta razão, defendemos a educação feminista para todos os sujeitos, com objetivo de findar com as desinformações e favorecer nas lutas contra o sexismo e o racismo.

hooks (2018) escreve sobre a sua preocupação no processo da educação de meninos negros, a autora argumenta a necessidade de o homem renunciar a seus privilégios em relação às mulheres negras. Os homens negros precisam ser educados para repudiar e não reproduzir as ideologias patriarcais, além de ser importante oferecer a educação de maneira a não valorizar a violência de gênero.

hooks (2018) acredita que se as pessoas, inclusive os homens conhecessem mais sobre o movimento feminista, talvez não precisariam temer este movimento, seria uma possível forma de buscar a própria liberdade em relação a um mundo que se organiza também pelo patriarcado. Exemplos: Liberdade de amar, liberdade de não ter que ser forte ou ter de arcar com tudo, liberdade de olhar para si no sentido de se reconhecer quando não está bem, cuidar da própria saúde, cuidar das pessoas da sua família, liberdade de não precisar ser viril. Os homens quando abandonam a masculinidade imposta pela sociedade, podem viver várias outras coisas, como se conectar com as pessoas, ter relações mais empáticas, expressar melhor suas emoções e criar vínculos mais sólidos.

O feminismo negro busca a liberdade das minorias que estão sujeitas ao patriarcado, podemos dizer que em sua maioria, os indivíduos no topo deste modelo social são os homens brancos heteros e elitizados. Por mais que os homens negros não sintam o machismo, eles estão sujeitos ao racismo. Economicamente, no nosso país, eles vivem abaixo das mulheres brancas. Deste modo, o feminismo negro discorda da ideia do feminismo homogêneo, pois enquanto as mulheres brancas lutavam pelo direito de ter melhores salários, homens negros recebiam menos que mulheres brancas. Enquanto mulheres brancas saíam de casa para trabalhar,

mulheres negras eram vistas como “mammys” e claro, recebiam os mais baixos salários.

Por estas e várias razões defendemos a importância de oferecer uma educação feminista com bases nas teorias feministas negras, com objetivo de repensar e conscientizar as pessoas das questões de gênero e raciais. Abordando que homens pretos e mulheres pretas vivem sim, situações de vulnerabilidade em nosso país. Não falamos somente da forma como a sociedade se organiza, basta observarmos a beleza que é valorizada no Brasil e no mundo, meninos e meninas pretos já nascem ouvindo críticas em relação ao seu cabelo, sua cor de pele desde pequenos, suas características. Como ter uma identidade positiva se o mundo te inferioriza?

O feminismo negro se torna um movimento de grande importância quando se trata dos direitos de mulheres negras, além de abordar a influência que o modelo estético europeu tem na sociedade. Pensando nisso, o feminismo negro vai exaltar a beleza negra, sejam dos variados tipos de cabelo, cor de pele, traços, corpos, entre outros. Como mulher preta, durante muitos anos senti a opressão da sociedade em relação ao meu cabelo, que é cacheado, ouvi críticas de conhecidos e desconhecidos. Certo dia, andando na rua, um homem gritou “Vai pentear o cabelo”, senti a lágrima escorrer sem conseguir contê-la. Sem compreender que isso é algo construído pela sociedade, durante anos passei a odiar minha cor, minhas características.

Será que só eu, como mulher negra, passei por este tipo de situação que tem como objetivo criticar minhas características e inferiorizar o meu ser? Hooks (2005) argumenta que quando criança, em sua experiência de vida, grande parte das mulheres negras alisavam o cabelo com pente quente ou até mesmo com produtos próprios para isso, quando passou a ser produzido. Não havia problema nenhum nessa prática, até a autora observar e analisar que em nossa sociedade, alisar o cabelo é uma maneira de concordar com expectativas impostas pela sociedade que é racista. Isso significa que o cabelo natural da pessoa negra está fora do modelo aceito, da expectativa branca:

Apesar das diversas mudanças na política racial, as mulheres negras continuam obcecadas com os seus cabelos, e o alisamento ainda é considerado um assunto sério. Por meio de diversas práticas insistem em se aproveitar da insegurança que nós mulheres negras sentimos a respeito de nosso valor na sociedade de supremacia branca (hooks, 2005, p. 4).

Sabemos que toda essa opressão em relação aos nossos cabelos naturais vem de uma expectativa racista da sociedade sobre nós mulheres negras, por esta razão hooks (2005) reflete que muitas de nós, não vemos nosso cabelo com beleza porque não fomos ensinadas a isso, pelo contrário, somos ensinadas a diminuir o volume, controlá-lo a todo custo. Essa realidade fica ainda pior quando pensamos nas pessoas com cabelos crespos, que muitas vezes são humilhadas, seus cabelos são encarados como algo “horrível”, como um problema a ser resolvido. Pessoas pretas de cabelos crespos chegam a correr riscos de perder o emprego caso não “dominem” o próprio cabelo. Segundo o Folha de São Paulo (2023), uma funcionária acusa o supermercado “Mundial” em que trabalhava no estado do Rio de Janeiro de falas discriminatórias sobre o seu cabelo. A ex-funcionária relata que recebia comentários como: corta o cabelo, alisa ou prende, pois, os seus superiores o achavam feio. Esses casos são mais comuns do que imaginam. Muitas pessoas não observam que todas essas críticas, ou pior, a baixa estima vem da expectativa do outro de nos achar bonita, do medo de sermos desaprovadas diante da sociedade.

Quando criança, alisava meu cabelo algumas vezes ao ano com a minha tia, lembro-me de vários comentários dela, (mulher branca de cabelo liso), sobre como meu cabelo se embaraçava, como era demorado para fazer a chapinha e como os cachos voltavam rápido, era uma “perda de tempo”. Atualmente ouço algumas cacheadas que são digitais influencers pregando a volta aos cabelos alisados, elas argumentam a “facilidade” do cabelo liso. Sabemos que não, são pessoas que vivem segundo o que a sociedade branca determina, pessoas que não aceitam sua beleza natural e tentam fazer com que seus seguidores façam o mesmo. O pior em ouvir esse tipo de discurso é a desmoralização do próprio cabelo:

A realidade é que o cabelo alisado está vinculado historicamente e atualmente a um sistema de dominação racial que é incutida nas pessoas negras, e especialmente nas mulheres negras de que não somos aceitas como somos porque não somos belas (hooks, 2005, p. 8).

Não podemos dizer que vencer os comentários, que nos amar e nos admirar se trata de um processo fácil, simples e rápido. De maneira alguma, ainda é muito desafiador ver a beleza em nós mesmas, aceitarmos nossas características físicas. Assumir essas características é uma forma de lutar contra o sistema que oprime, humilha, ignora pessoas negras e suas belezas. hooks (2005) cita que não alisar nossos cabelos é uma forma de celebrar nossos corpos e suas características.

A escola é o ambiente fundamental para contribuir com a construção de uma sociedade de pessoas negras que amam e respeitam seus corpos, isso pode ser realizado se docentes começassem a buscar recursos que valorizem as características negras, como: filmes, imagens, literatura e brinquedos. Além de ser significativo para que crianças brancas também vejam essas características diferentes como qualidades, e não disseminem as posturas racistas na sociedade. Outra atitude primordial é que os e as docentes conheçam e cumpram a lei 10.639 de 2003, buscando apresentar, explorar e valorizar a cultura afro-brasileira nas instituições de ensino. Concordo com a autora hooks que se as pessoas pretas e brancas não forem ensinadas de forma antirracista nós não romperemos com a inferiorização das identidades negras e as características brancas continuarão como superiores gerando então a desigualdade racial.

No livro “Ensinando a Transgredir” hooks (2013) defende a importância de professores e professoras negras nas escolas públicas, ou ao menos, docentes que conheçam a realidade das pessoas negras em nossa sociedade profundamente racista. Em vida, a autora teve a experiência de estudar em escolas públicas durante o apartheid, nos EUA. Ela narra com detalhes o quanto os alunos e alunas negras eram estimulados e acolhidos. Ela também aborda que os professores e professoras negras, buscavam conhecer a realidade dos alunos e alunas, suas famílias, suas casas, a realidade social e financeira e recebiam a educação de maneira crítica, e claro, eram educados para a liberdade:

Naquela época ir para a escola era pura alegria. Eu adorava ser aluna. Adorava aprender. A escola era o lugar do êxtase - do prazer e do perigo. Ser transformada por novas ideias era puro prazer. Mas aprender ideias que contrariavam os valores e crenças aprendidos em casa era correr um risco, entrar na zona de perigo” (hooks, 2013, p. 11).

A autora também narra como foi difícil se adequar como menina negra ao modelo educacional pós integração racial, em que os docentes brancos em sua maioria, não tinham nenhum compromisso em educar as crianças negras, a escola se tornou um local onde o racismo era disseminado. “Para as crianças negras, a educação já não tinha nada a ver com a prática de liberdade” (hooks, 2013, p. 12). A educação deixou de ser uma prática libertadora, que para a autora, trazia prazer para se tornar uma prática que corrobora e que defende a dominação de pessoas negras.

Atualmente, no Brasil, a grande maioria dos docentes são pessoas brancas. Uma pesquisa do Educa mais Brasil, relata que somente 7,4% dos docentes do ensino superior em pós-graduação se declaram negros, pardos ou indígenas. Quando falamos da educação básica, o número de professores e professoras negros, pardos e indígena também é inferior ao de docentes brancos. Em muitos casos são estes os professores e professoras que reforçam o colonialismo, a opressão, o racismo, a obediência e não valorizam ou sequer conhecem a comunidade negra. Isso se torna um problema quando maioria dos alunos e alunas das redes públicas de ensino são negros e isso diz muito sobre como tem recebido sua educação. E esta realidade não está imposta somente na educação básica, mas também no ensino superior, dentro das universidades brasileiras.

Recentemente, fiz estágio obrigatório em uma instituição pública em Aparecida de Goiânia-GO, no primeiro dia de estágio estava acontecendo a comemoração da Páscoa. Ao entrarmos na sala, vimos uma turma em sua maioria, crianças negras que estavam se organizando para a determinada apresentação. A professora, estava fazendo com lápis de olho marrom o focinho e a barba do coelho em todos os alunos, quando chegou uma segunda docente para colaborar. Enquanto isso, eu e minha colega de estágio começamos a observá-la. A professora que chegou depois, convidou uma aluna para se levantar pois chegara a vez dela, ao marcar o rosto da menina negra retinta na sala, a docente começou a se queixar “Mas essa cor [marrom] nem aparece na sua pele, preciso de um lápis preto, ela é muito escura”. Naquele momento, diante do tom utilizado pela docente, senti um nó na garganta, eu e minha amiga não podíamos interferir, mas ficamos indignadas com aquela situação, com a humilhação que a professora proporcionou para aquela criança. Após ler hooks, e elaborar minhas experiências como estagiária negra, concordei com a necessidade apontada pela pensadora de que os e as docentes estudem e sejam antirracistas com as crianças da rede pública de ensino. Sem o estudo e engajamento dos e das docentes é difícil termos uma mudança significativa na educação.

As escolas públicas são os espaços propícios para abordar a educação para as mais variadas pessoas, independente de raça, etnia, classe social e gênero. Por esta razão, hooks (2013) defende que o modelo educacional que o educador brasileiro, Paulo Freire aborda tem potencial de oferecer grandes contribuições para a educação. Principalmente pelo fato de que em seus estudos, Freire defende práticas pedagógicas que promovam a educação libertadora, crítica, emancipadora, que

valoriza os conhecimentos pessoais de cada aluno e aluna. Sabemos que não há uma receita pronta para alcançar todos os objetivos, para lidar com os desafios e dificuldades que uma sala de aula pode oferecer, porém a autora argumenta algo fundamental para os e as docentes:

Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informações, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual de nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e íntimo (hooks, 2013, p.25).

A autora considera importante que os e as docentes estejam alinhados com as práticas pedagógicas críticas, defendendo a necessidade de mudança não só dos e dos alunos e das alunas, mas a do próprio docente, que busque as transformações sociais e ofereça uma educação democrática aos e às discentes. Para hooks (2013), as discussões de Freire contribuíram para que ela pensasse em um modelo de educação diferente: “Minha experiência com ele me devolveu a fé na educação libertadora. Eu nunca quisera abandonar a convicção de que é possível dar aula sem reforçar o sistema de dominação existente” (hooks, 2013, p.31).

bell hooks (2013) contribui com esta pesquisa ao repensar no papel do professor e da professora. Um ou uma docente que não reproduza as ideias dominantes, mas com a colaboração dos estudos de Freire e do pensamento feminista negro, pense em uma nova perspectiva educacional, que tenha como maior objetivo a libertação de todos e todas que estão no ambiente escolar.

A pensadora feminista negra acreditar que o machismo e racismo, que estruturam a sociedade, podem ser quebrados, com a ajuda da educação, dentro das escolas públicas. Para ela, isso acontecerá se os e as docentes compreenderem e utilizarem da dívida que é a educação para a liberdade e principalmente a educação feminista e antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta pesquisa, buscamos abordar o tema “As contribuições do feminismo negro para a educação”. Tive como objetivo geral: Refletir sobre as possíveis contribuições do feminismo negro para a área da Educação. Os objetivos específicos foram: entender o que é feminismo e seus marcos no mundo e compreender os principais temas e conceitos do feminismo negro e relacioná-los com a educação. Os estudos foram aprofundados com as contribuições de autoras americanas: Audre Lorde, Patricia Hill Collins e bell hooks.

Inicialmente, apresentamos o conceito de movimento feminista. Com base nas autoras, abordamos que o feminismo é a luta pelos direitos iguais entre homens e mulheres, direito de decidir sobre seu corpo, seus estudos, seus trabalhos, sua autonomia. Diferente do que muitos pensam, o feminismo não significa que as mulheres odeiam os homens, pelo contrário, se trata de mulheres que lutam para ter as mesmas possibilidades sociais que os homens.

Durante a pesquisa exploramos que existem ondas no movimento feminista, são elas: a primeira onda ou o feminismo hegemônico, que era dominado por mulheres brancas e elitizadas que buscavam o direito ao voto. Existiu a segunda onda feminista, onde as mulheres tentavam garantir direitos trabalhistas e melhores condições de vida, além de buscar a liberdade sexual. Por fim, a terceira e última onda do movimento é o feminismo negro, que se trata da luta pelos direitos das mulheres negras, essa fase do feminismo não luta somente contra o machismo, como as demais, mas amplia-se contra o racismo, lutando em prol das minorias, sejam mulheres negras, homens negros, pessoas da comunidade LGBT. É nesta linha de estudo que nos aprofundamos na pesquisa.

Em relação ao segundo objetivo de pesquisa que era apresentar as contribuições do feminismo negro para a educação abordamos as contribuições de Audre Lorde, Patricia Hill Collins, bell hooks, e apresentamos os resultados de cada uma. Iniciando com a autora Audre Lorde, que argumenta nesse estudo sobre as opressões que as mulheres negras vivem, a ativista também contribui para a pesquisa, nos fazendo repensar na necessidade de termos a educação feminista para que as crianças saibam que há individualidades, até mesmo dentro do movimento. Audre Lorde corrobora analisando a importância de as mulheres negras quebrarem os silêncios, se levantarem e agirem para lutar contra as amarras da sociedade.

A autora Patricia Hill Collins contribui com o segundo objetivo desta pesquisa trazendo a discussão sobre a interseccionalidade. A autora também nos apresentou como durante anos, foram usadas imagens de controle com as mulheres negras. Na educação, a autora cita os métodos do educador Paulo Freire, que defende as redes públicas de ensino como ambiente para se oferecer uma educação crítica e emancipadora para os principais alunos e alunas da escola pública: alunos e alunas negros, filhos da classe trabalhadora. A educação de maneira crítica, libertadora e feminista ajudará os alunos e alunas a compreenderem as opressões que vivem e lutar contra elas, de maneira a não se sujeitar àquilo que está imposto na sociedade.

Por último, para contribuir nesta pesquisa utilizamos as referências de bell hooks, que defende o feminismo negro como um movimento que não promove as rixas entre homens e mulheres e sim como movimento que compreende as desigualdades sexistas e racistas da sociedade. A autora também aborda a possibilidade de que docentes utilizem a educação como recurso para que meninos e meninas negras aprendam a apreciar suas características físicas e para que crianças brancas despertem a admiração das diferenças, com objetivo de enfrentar o racismo nas escolas. Abordamos nesta pesquisa a importância de termos professores e professoras que utilizem da pedagogia crítica, libertadora, feminista e antirracista para que nossos alunos e alunas tenham uma formação integral.

Por meio do tema da pesquisa “Quais as contribuições do feminismo negro para a educação”? Cheguei em algumas respostas em relação a minha pesquisa, posso afirmar que o feminismo negro pode contribuir na vida de meninos e meninas que utilizam a rede pública de ensino. A educação feminista que também discute questões raciais pode colaborar para a consciência de classes, conscientizando meninos e meninas das práticas racistas e machistas dentro da sociedade, de modo que estes não fiquem refém dessas práticas excludentes.

Além disso, a pesquisa pode colaborar para que professores e professoras compreendam a importância de empoderar os e as discentes, oferecer uma educação libertadora e crítica, além de propor o uso de diferentes recursos para trazer a visibilidade para os alunos e alunas negros. A pesquisa também aborda a necessidade dos professores e professoras conhecerem a lei 10.639, que normaliza a exploração da cultura afro brasileira. A pesquisa tem a intenção de mostrar que as questões raciais, sociais e sexistas podem interferir na educação, desse modo, a

proposta é rever uma educação que traga mais possibilidades e visibilidade para estas pessoas menos privilegiadas em nossa sociedade.

Considerando que toda pesquisa tem um limite, nesta pesquisa meu limite foi o tempo de escrita, tiveram conteúdos que não pude acrescentar ou executar com facilidade. Especificamente não consegui trabalhar com as autoras brasileiras que foram indiretamente grandes contribuições para que eu conhecesse este movimento feminista negro. Penso e espero que no futuro próximo eu consiga continuar com o desenvolvimento desta pesquisa e dar as feministas negras brasileiras, a atenção que suas pesquisas e reflexões merecem.

Todo esse estudo foi grandemente significativo para mim, pois tive a oportunidade de falar sobre algo que vivi no dia a dia, como menina negra na rede pública de ensino. Compreender tudo isso, atualmente, com uma perspectiva diferente é libertador. Pensar e compreender os conceitos, teorias e reconsiderar todo o aprendizado dentro da minha prática como futura docente é algo ainda mais libertador. Ter consciência das práticas que favorecem ou não no processo de aprendizagem e mudança social das crianças me impulsiona em continuar lutando e repensando nossas atuações na sala de aula. Saber que a maioria das crianças da rede pública são meninas e meninos negros, filhos da classe trabalhadora e ter a certeza que eu estarei preparada para não reproduzir o racismo, o machismo e outras formas opressivas de se relacionar trazidas pelos colonizadores me dá esperança. Sei que como docente farei esforço para oferecer uma educação emancipadora para meus alunos e alunas.

Para o futuro, desejo que a educação pública seja de qualidade incontestável. Desejo que a escola seja um lugar inclusivo para meninas e meninos negros e para todas as pessoas. Espero que a educação esteja preparada para ser o ambiente em que possamos discutir temas importante como este e que outros e outras docentes possam se letrar no feminismo negro e na importância deste tema na pedagogia, tendo como foco a formação integral e para a diversidade que é fundamental para nossas crianças.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Dayane, **Interseccionalidades**, Salvador - UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

BOITEMPO EDITORIAL. Vida de Patricia Hill Collins, disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/autor/patricia-hill-collins-1608>. Acesso em: 15 Out 2023.

COLLINS, Patricia, BIRGE, Sirma, **Interseccionalidade**, 1º edição, editora Boitempo, São Paulo, 2021.

COLLINS, Patricia, **Pensamento Feminista negro**, editora Boitempo, São Paulo, 2019.

DEMO, Pedro, **Educação e qualidade**. 6. Ed. São Paulo: Papyrus, 2001.

EBIOGRAFIA, bell hooks intelectual e ativista norte-americana. Disponível em: https://www.ebiografia.com/bell_hooks/. Acesso em: 13 Nov 2023.

EDUCA MAIS BRASIL, Negros e indígenas são apenas 7,4% dos professores em pós-graduação, diz estudo, 23/11/2023. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/negros-e-indigenas-sao- apenas-74-dos-professores-em-posgraduacao-diz-estudo>. Acesso em: 25 Nov 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO, Ex-funcionária acusa supermercado Mundial de persegui-la por cabelo Black, São Paulo, 11/05/2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/05/ex-funcionaria-acusa-supermercado-mundial-de-perseguir-la-por-cabelo-black.shtml>. Acesso em: 23 Nov 2023.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**, 17 º edição, editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987.

GARCIA, Carla Cristina, **Breve história do feminismo**, São Paulo, editora: Claridade, 2011.

HIRATA, Helena, LABORIE, Françoise, DOARÉ, Hélène, SENOTIER, Danièle, **Dicionário crítico do feminismo**, editora Unesp, São Paulo, 2009.

HOLLANDA, Heloisa, **Pensamento Feminista conceitos fundamentais**, editora: Bazar do tempo, Rio de Janeiro, 2019.

hooks, bell, **Alisando nosso cabelo**. Revista Gazeta de Cuba, Unión de Escritores y Artistas de Cuba, 2005.

hooks, bell, **Ensinando a Transgredir, a educação como prática da liberdade**, editora Martins Fontes, São Paulo, 2013.

hooks, bell, **O feminismo é para todo mundo**, editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 2018.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Agência IBGE Notícias, GOV.BR, 2021, Disponível em : <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento#:~:text=5%25%2C%20respectivamente.-,Os%20dados%20s%C3%A3o%20do%20estudo%20Desigualdades%20Sociais%20por%20Cor%20ou,%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20brasileira%2C%20respectivamente>. Acesso em: 23 Ago 2023.

INSTITUTO IGARAPÉ, **Sete em cada 10 feminicídios no Brasil são de mulheres negras**. Disponível em: <https://igarape.org.br/sete-em-cada-10-femicidios-no-brasil-sao-de-mulheres-negras/>. Acesso em: 23 Nov 2023.

LINS, Beatriz; MACHADO, Bernardo; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Reviravolta, 2016.

LORDE, Audre. **A Transformação do silêncio em linguagem e ação**. Comunicação de Audre Lorde no painel “Lésbicas e literatura” da Associação de Línguas Modernas em 1997. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/>. Acesso em 20 Out 2023.

LORDE, Audre. **Bazar do Tempo**. Disponível em <https://bazardotempo.com.br/autores/audre-lorde/>; Acesso em: 04 Set 2023.

LORDE, Audre. **Não existe hierarquia de opressão**, editora: Nova York, Nova York, 1990.

LOURO, Guacira, FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana, **Corpo, gênero e sexualidade**, editora Vozes, Rio de Janeiro, 2018.

MORAIS, Eunice, SILVA, Lucia, **Interfaces entre raça, gênero e classe social**, Rio de Janeiro, 2017.

RIBEIRO, Djamila, **Quem tem medo do feminismo negro?** Companhia das letras, São Paulo, 2018.

SANTIAGO, Flavio, FARIA, Ana Lúcia, **Feminismo negro e o pensamento interseccional: Contribuições para a pesquisa das culturas infantis**, Campinas (São Paulo), 2021.

SUELI, Carneiro, **Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**, São Paulo, 2011.

Documento Digitalizado Público

TCC Versão Final

Assunto: TCC Versão Final
Assinado por: Matheus Souza
Tipo do Documento: Documentos
Situação: Finalizado
Nível de Acesso: Público
Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:
■ **Matheus Pereira de Souza, ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO**, em 08/02/2024 14:53:22.

Este documento foi armazenado no SUAP em 08/02/2024. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 542502
Código de Autenticação: 606b30a28c

